

ARGUS

REVISTA
MENSAL ILLUSTRADA

— N.º 1 —

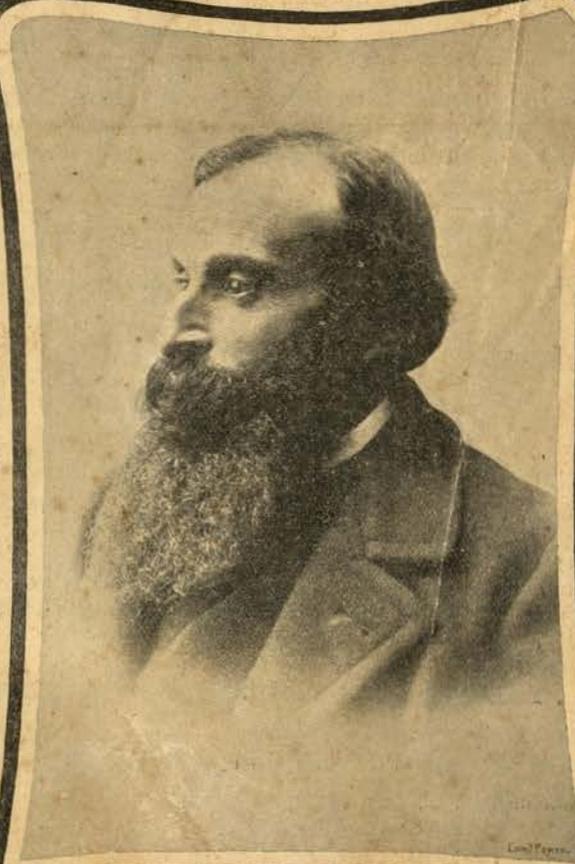
MAIO DE 1907

PREÇO AVULSO

100 REIS

DIRECTOR

GAMPOS MONTEIRO



ARGUS

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

184, Rua de D. Pedro, 184 — PORTO

Director e Redactor Responsavel — **ABILIO DE CAMPOS MONTEIRO.**
Proprietario e Administrador — **MARIO ANTUNES LEITÃO.**

Composto e impresso nas officinas da Empresa Litteraria e Typographica — Proprietario e Gerente JOAQUIM ANTUNES LEITAO. — Rua de D. Pedro, 178 — PORTO.

No numero de Junho iniciará o ARGUS as seguintes secções

LIRA MERIDIONAL — Poesias ineditas dos nossos primeiros poetas.

MUSICAS para PIANO — (originaes).

50 ANNOS DEPOIS — Ephemeridades referentes ao meado do seculo XIX.

REVISTA COMMERCIAL — Appreciação sobre o desenvolvimento e tendencias do commercio universal.

CONTOS para a INFANCIA — Com um fim moral e educativo.

MODAS — Figurinos, lavores, moldes, artigos de toilette, conselhos ás damas, etc.

AO FOGHO — Secção enygmatica e charadistica.



Alem destas secções o *Argus* publicará sempre artigos eventuaes de diversos escriptores portuguezes e brazileiros, sobre varios assumptos, procurando assim satisfazer as exigencias de todos os seus leitores.

TODAS ESTAS SECÇÕES SERÃO PROFUSAMENTE ILLUSTRADAS COM MAGNIFICAS GRAVURAS



CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

PORTUGAL, ILHAS e COLONIAS	BRAZIL	EXTRANGEIRO
Anno 1\$100	Anno (12 numeros)	Anno (12 numeros)
Semestre 600		
Trimestre 300	Moeda fraca. 8\$000	Francos 8,00

Numero avulso em Portugal, 100 reis

Para assignar o ARGUS basta preencher o *Boletim* que adeante se encontra e remettel-o juntamente com a importancia da assignatura (em valle do correio, estampilhas ou ordem de fac brança) á Administração do ARGUS — Rua de D. Pedro, 184 — PORTO.

TABELLA DE PREÇOS DOS ANNUNCIOS

POR UMA UNICA INSERÇÃO

1	Pagina avulso	12\$000 reis
1/2	» »	7\$000 »
1/4	» »	3\$500 »

DESCONTOS

Annuncios de anno	20 %
» » semestre	15 %
» » trimestre	10 %

Nos annuncios illustrados, acresce o preço da gravura (10 reis por centimetro quadrado) dando o annunciante o original

CHRONICA

Se houvermos de prestar crédito aos clássicos gregos e latinos — aquelles que, sob uma fôrma fantasista,

mal contida, teve Jupiter a ideia de chamar em seu auxilio Morpheu, o Deus bemdito do somno e do esquecimento. E foi este que,

ARGVS

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção e Administração — R. de D. Pedro, 184 — PORTO

Para assignar esta publicação, basta preencher este boletim e remetel-o ao administrador ou a um dos nossos agentes

Boletim d'assignatura

morador em

rua

n.º , *declara assignar o ARGVS pelo espaço de*

(¹)

Assignatura,

(¹) Declarar se remette o importe da assignatura ou como deve ser feita a cobrança.

via, mais candente que as catadupas de lava do Ethna, o desejo forte e insatisfeito. Nunca o alto Deus procurou a formosa argiva cuja imagem lhe povoava os sonhos, que ao lado d'ella não encontrasse, vigilante e sorrindo sardonicamente, a odiada esposa. E já dezenas de vezes o carro de Apollo transpuzera a orbita azul, sem que os dois amantes houvessem podido trocar um beijo, um beijo apenas, que fosse o reciproco testemunho da inalterabilidade da antiga afeição que os unia...

Foi então que, estuando de impaciencia

sujeitaste o amoroso par, adormeceste, e acordaste trahida. Mil vezes ainda assim te succederá, acredita. Isso não prova, porem, que não possas pôr cõbro ao insidioso procedimento do refalsado conjuge. Prova, apenas, que és insufficiente para a vigilancia exigida, e que debes lançar mão de outros meios.

— De quaes? — perguntou, succumbida, a austera filha de Saturno. Que outros olhos poderão vigial-os, mais perspicazes que os meus olhos penetrantes de deusa immortal e esposa ciumenta?

— Conheço-os melhores, — ciciou Leda,

CHRONICA

Se houvermos de prestar crédito aos clássicos gregos e latinos — aquelles que, sob uma fôrma fantasista, tantas verdades syntheticas compilaram — tempo houve em que o velho Jupiter soffreu uma invencivel inclinação amorosa por Io, a mais bella das filhas do rei Inachus. E logo na alma da ciumenta Juno, esposa legal do Pae dos Deuses, germinou um odio soberano pela favorita de Jove, a timida donzella que não soubera furtar-se á seducção do glorioso senhor do Olympo.

D'este formidavel conflicto de paixões, tão velhas como a humanidade, e ás quaes os proprios Deuses não sabiam escapar-se, resultou a desgraça da meiga princeza. Contra a perseguição atroz que Juno lhe moveu, nada poude o intenso amor com que Jupiter a defendia. Apesar de todas as metamorphoses a que o seu omnipotente gesto a sujeitou, nunca ella conseguiu escapar á vigilancia da ciumenta Deusa, que por fim alcançou colhel-a ás mãos, conservando-a permanentemente a seu lado, e fiscalizando sem cessar as suas acções.

Assim separado da que amava sobre todas as creaturas, no coração de Jupiter referia, mais candente que as catadupas de lava do Ethna, o desejo forte e insatisfeito. Nunca o alto Deus procurou a formosa argiva cuja imagem lhe povoava os sonhos, que ao lado d'ella não encontrasse, vigilante e sorrindo sardonicamente, a odiada esposa. E já dezenas de vezes o carro de Apollo transpuzera a orbita azul, sem que os dois amantes houvessem podido trocar um beijo, um beijo apenas, que fosse o reciproco testemunho da inalterabilidade da antiga afeição que os unia...

Foi então que, estuando de impaciencia

mal contida, teve Jupiter a ideia de chamar em seu auxilio Morpheu, o Deus bemdito do somno e do esquecimento. E foi este que, com palavras serenas e gestos unctuosos, conseguiu enfim adormecer a ciosa Deusa, e lançar de novo nos braços de Jove a branca princeza que o encantara...

Quando Juno acordou, e ao seu conhecimento veio a nova e recente traição, penderam-lhe os braços, abatidos e inertes. Na sua alma, onde a cólera, o despeito, e o amor-proprio ferido se degladiavam, perpassou, como uma nuvem escura n'um firmamento azul, a certeza terrivel de que, por mais que desconfiasse e vigiasse, sempre as occasiões se offereriam, propicias e gratas, para o encontro dos dois. E já desanimadamente lhe descahirá sobre o peito o rosto pallido e precoce-mente envelhecido, que as lágrimas regavam, quando Leda, por quem Jupiter sentira outr'ora uma paixoneta identica, a breve trecho extincta, lhe veio segredar ao ouvido, rancorosa e vingativa:

— Não desanimes. Ao somno, o mais doce tributo que os mortaes pagam á sua fraca natureza, nem mesmo os deuses podem subtrahir-se. Fatigada da tenaz espionagem a que sujeitaste o amoroso par, adormeceste, e acordaste trahida. Mil vezes ainda assim te succederá, acredita. Isso não prova, porem, que não possas pôr cõbro ao insidioso procedimento do refalsado conjuge. Prova, apenas, que és insufficiente para a vigilancia exigida, e que deves lançar mão de outros meios.

— De quaes? — perguntou, succumbida, a austera filha de Saturno. Que outros olhos poderão vigial-os, mais perspicazes que os meus olhos penetrantes de deusa immortal e esposa ciumenta?

— Conheço-os melhores, — ciciou Leda,

baixando a voz. — Sabe pois que na Argolida, onde reina Aristor, filho de Crotopus, ha um mancebo de sangue real, que veio ao mundo com cem olhos, dotados de um tão intenso poder de penetração, que avistam até aos mais reconditos confins do globo. Quando dorme, metade de elles occulta-se sob as palpebras que o somno sellou, — mas os outros cincoenta persistem abertos, vivos, *acordados*, vendo tudo o que se passa. Ao pé d'elle, Lynceus, o mais perspicaz gageiro dos que á conquista do Vello de Oiro se partiram, é como uma toupeira á flor da terra, ou como a ave de Minerva ao sol do meio-dia.

Juno erguera-se, desvairadamente, um grande fulgor de esperança na pupilla sombria. E travando do braço á rancorosa mulher de Tyndaro, interrogou seccamente, com voz surda:

— Como se chama?

— *Argus*, filho de Aristor. Chama-o, manda-o o vir. Elle só, com seus cem olhos penetrantes, que alcançam desde os juncaes da Scythia aos desertos da Lybia, poderá guardar os traidores, e dizer-te, dia a dia, onde param e que acções praticam. Chama-o para junto de ti. Sob a égide luminosa dos seus cincoenta olhos acordados, podes dormir descansada.

Accudiu pressuroso ao divino convite o perspicaz principe argivo. E nunca mais a alma de Jupiter gosou um momento de socego. Nunca mais os seus braços se estenderam amorosamente para enlaçar a tenue cintura de Io, que a vigilante sentinella não soltasse o brado de alarme. E nunca mais — fosse onde fosse, a nascente ou a poente, ao sul ou ao septentrião — succedeu um caso sensacional, que a divino Juno o não soubesse logo, relatado com toda a verdade e segurança, pelos verbosos labios de *Argus*, que tudo via e tudo contava...

*

Ora, mais tarde, a *Philosophia Christã* invadiu o Olympo, e a golpes de syllogismos prostrou, inanimados e mortos para sempre, os deuses pagãos, os veneraveis deuses de Homero e Virgilio. E assim succedeu que o cerebro de Juno, a curiosa mulher de Jupiter, triturado e fragmentado, tombou no globo. Cada mortal recebeu o choque de uma das pequenas particulas em que o divino encephalo se dividira. E desde então nunca mais na alma dos homens deixou de arder esta immarcessivel ancia que a todos nós tyrannisa, de se saber de manhã o que de mais notavel aconteceu na vespera. A Humanidade, essa curiosa Juno hodierna, ao descobrir uma região desconhecida a primeira coisa que lhe exige — é que lhe dê noticias suas todos os dias. E eis que ao serviço d'esse formidavel despota que se chama *Curiosidade Publica*, milhões de fios telegraphicos cruzam os largos continentes e rastejam pelo viscoso leito dos oceanos, milhões de paquetes singram de porto em porto, milhões de comboios fazem ecoar pelas quebradas o seu silvo vibrante, milhões de chapas photographicas offerecem á luz fecundante do dia a mysteriosa virgindade das suas peliculas de gelatina. — São os cem olhos de *Argus*, sempre abertos e sempre vigilantes, relanceados de polo a polo, para que a caprichosa Juno tenha conhecimento pormenorizado dos successos, tristes ou alegres, sublimes ou picarescos, que por esse mundo de Christo se vão dia a dia desenrolando...

*

E depois d'isto, e de os nossos presados leitores terem percorrido as variadas secções da nossa Revista, tão cheia de texto e de gravuras, onde os *Casos do mez* se encostam ás ultimas descobertas da Sciencia, onde os livros que os prelos veem de lançar á luz acotovellam as mais recentes peças theatraes, — precisarão Vossas Excellencias ainda que lhes expliquemos a razão por que a denominamos *Argus*?



AMOR DE PERDIÇÃO

Drama lyrico em 3 actos, do conselheiro João Arroyo. (Theatro de S. Carlos — Lisboa)

Ao terminar o verão de 1860, e após uma peregrinação pelo Minho e Traz-os-Montes, fugindo aos esbirros judiciais, Camillo Castello Branco, reu de um crime de amor, entregava-se emfim nas mãos do tribunal do crime, e dava entrada nas cadeias da Relação do Porto.



CONSELHEIRO JOÃO ARROYO

Auctor da opera AMOR DE PERDIÇÃO

Larga transformação se devia ter operado, por essa epoca, na alma de Camillo. Amando, e sabendo-se correspondido nesse intenso amor, que era um crime perante as leis humanas e canonicas, encerrado entre as quatro paredes de uma prisão, a pouca distancia da cella onde o objecto do seu amor jazia á espera do julgamento, sentindo rugir em torno do velho casarão triangular o coro de impro-

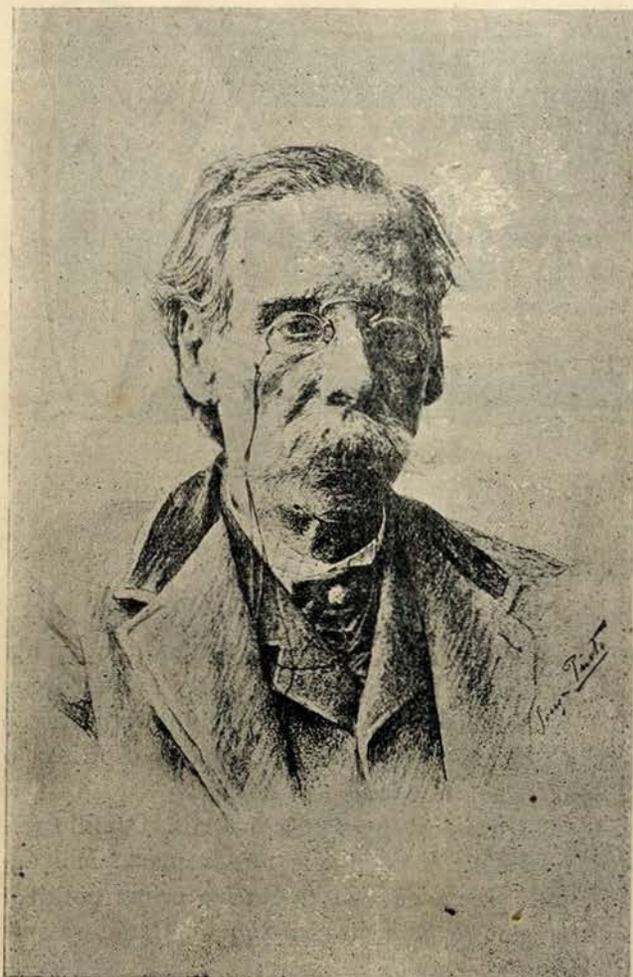
perios e maldições com que uma corrompida sociedade hypocritamente o alvejava, amargas horas lhe deviam ter decorrido ali, entregue á tempestade que lhe devassava o espirito e o coração.

Quatro annos antes, passara Camillo naquelle sinistro edificio uma semana. Mas então tratava-se de um ligeiro crime politico. E com o coração desafogado, Camillo esperou paciente e alegremente que lhe abrissem as portas da enxovia. Durante esse tempo, conversou, riu, cantou, comeu e não pensou em mais nada. Sabia elle, porque diversas vezes lh'o haviam dito pessoas de familia, que ali penara e gemera, meio seculo atrás, seu tio Simão Botelho, victima de uma desoladora tragedia de amor. Pouco se lhe deu do facto, então-



FRANCISCO BRAGA

Illustre professor da Escola Normal do Porto e auctor e traductor do libreto da opera AMOR DE PERDIÇÃO.



CAMILLO CASTELLO BRANCO

Que lhe importava elle, joven alegre e despreoccupado, perseguido por causas politicas, o desgraçado parente que por amor se perdera?

Mas quando do seu segundo ingresso na cadeia, afogado o coração nos elos d'essa intensissima paixão que decidiu do seu destino, vergado o espirito ao peso

d'uma grande responsabilidade criminal, Camillo não pôde deixar de pensar no tragico successo que no principio do seculo enluctara a sua familia.

Agora, as situações assemelham-se. O vulto de Simão Botelho, com todas as degenerescencias caracteristicas da familia, a cada momento lhe surge na quente imaginação. Ao evocal-o, ao recompol-o com o auxilio das narrações que gravara na memoria, Camillo não pôde deixar de reconhecer que o seu temperamento impulsivo e o seu character amoroso se identificam absolutamente com o character e o temperamento do seu antepassado. Dotado de um espirito mystico e fatalista, o espectro de Simão Botelho muitas noites lhe havia de perturbar o somno, ao som das passadas lugubres dos carcereiros, ao longo dos escuros corredores abobadados, onde out'ora haviam ecoado os soluços do infeliz Simão. A emotividade de Camillo, posta em especiaes condições pela longa reclusão, pela paixão represada e pela anciedade constante, devia ter vibrado intensamente de fórmula a produzir uma obra de arte. Assim foi. Quando, muito tempo depois, o fecundo escriptor, liberto emfim, transpunha os humbraes da Relação, trazia consigo essa

Mariaanna

Larghetto

ff. a *Et - terra! Dea monan - to!*

mf. *domine tu li - ber - ta!*

Amore e Perdizione atto 2º scena IV

João Antonio

UM TRECHO AUTOGRAPHO DA OPERA « AMOR DE PERDIÇÃO »

obra prima, a melhor de todas as suas, verdadeiro poema em prosa, que ha de atraves-

sar a posteridade, e persistir já quando de nenhuma das outras restar memoria.

O simples, e ao mesmo tempo grandioso trama, onde um pobre mancebo de dezoito annos «ama, e se perde, e morre amando», tão de molde a commover a nossa alma de meridionaes, é já hoje classico, e por todos conhecido. Provam-n'ò, exuberantemente, as quatorze largas edições que do romance se hão tirado. E o que admira é que tão tarde se houvessem lembrado de o transplantar para a scena, com uma certeza de lucro que não poderia enganar ninguém.

Arcou com essa ingloria tarefa o distincto dramaturgo D. João da Camara. E dizemos ingloria, porque está provado que nunca de um romance bom se faz um bom drama. De facto, o theatro, todo convencional como elle é ainda hoje, requer um certo numero de effeitos, que o romance não fornece. Depois, a modificação constante do scenario produz uma longa serie de quadros (sete, no drama de D. João da Camara), que chega a fatigar. E, por ultimo, perdem-se as illações philosophicas que o auctor porventura entresache na sua obra, falta esta que se torna capital no *Amor de Perdição*, e que o illustre auctor de *Os Velhos* procurou remediar com a introdução de esse incongruente e contradictorio personagem que elle chamou *Camillo de S. Miguel*.

Não obstante, o publico aclamou a peça, e premiou-a com successivas enchentes. É que, saciado de originaes estrangeiros, com personagens cuja complicada psychologia elle não consegue assimilar, ali ao menos, no *Amor de Perdição*, encontra um quadro que se conforma com o temperamento amoroso e sentimental que constitue o substracto da alma portugueza. Vibra, sente, commove-se: vive a acção. É o essencial.

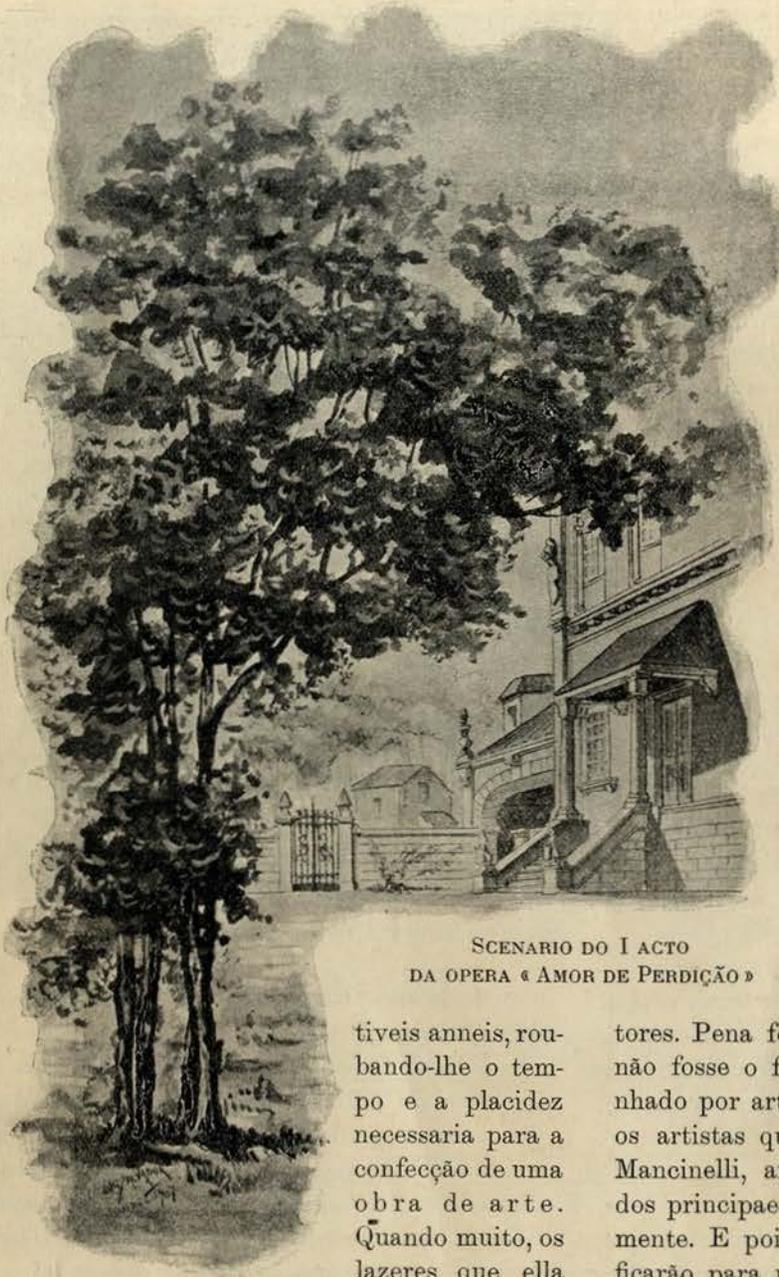
D'aqui ao drama lyrico ia um passo apenas. Faltava quem o dêsse e só um portuguez



MORTE DE THEREZA NO CONVENTO DE MONCHIQUE

o poderia dar. Encarregou-se d'isso o conselheiro João Arroyo.

E diga-se desde já que não foi pequena a surpresa do publico quando, por noticias indiscretas de jornaes, se veio a saber que, na solidão do campo, o sr. João Arroyo trabalhava, com entranhado amor, na sua ópera. Sabiam todos — não ha duvida — que o sr. Arroyo era um musico distincto, com largas faculdades de compositor, amplamente confirmadas no seu tempo de Coimbra. Ninguém ignorava que o seu profundo talento podia, como o Protheu da fábula, revestir-se de innumerables modalidades. Estudante distincto, professor illustre, politico atilado, parlamentar completo, ministro de vista larga, — sob todos estes aspectos era conhecido e apreciado. Simplesmente, suppunha-se que esse pólvoro de mil tentaculos que se chama Politica o enlaçara para sempre nos seus irresist-



SCENARIO DO I ACTO
DA OPERA « AMOR DE PERDIÇÃO »

tiveis anneis, roubando-lhe o tempo e a placidez necessaria para a confecção de uma obra de arte. Quando muito, os lazeres que ella

lhe permittisse — pensava-se — escassamente chegariam para a administração das suas propriedades ruraes. E toda a gente suppoz que essa annunciada peça, eternamente incompleta, nunca veria a luz da ribalta.

Pois bem. Mais cedo do que se esperava, a peça appareceu. Nessa inolvidavel noite de 2 de março, que o sr. João Arroyo terá marcado no seu diário com uma pedra branca, o salão de S. Carlos regorgitava, não só de gente da capital, mas tambem de muita ou-

tra que de todos os pontos do paiz accorrera, anciosa de ouvir a execução. E o triumpho foi extraordinario, o mais completo que o snr. João Arroyo, desde então consagrado como um compositor de largos recursos e grande futuro, poderia desejar.

É de justiça que não esqueçamos o libretista, o estudioso professor da Escola Normal do Porto, snr. Francisco Braga, esse formoso talento cuja modestia é tal que propositadamente se esconde e se apaga quando todos accorrem a receber o quinhão de gloria que lhes compete.

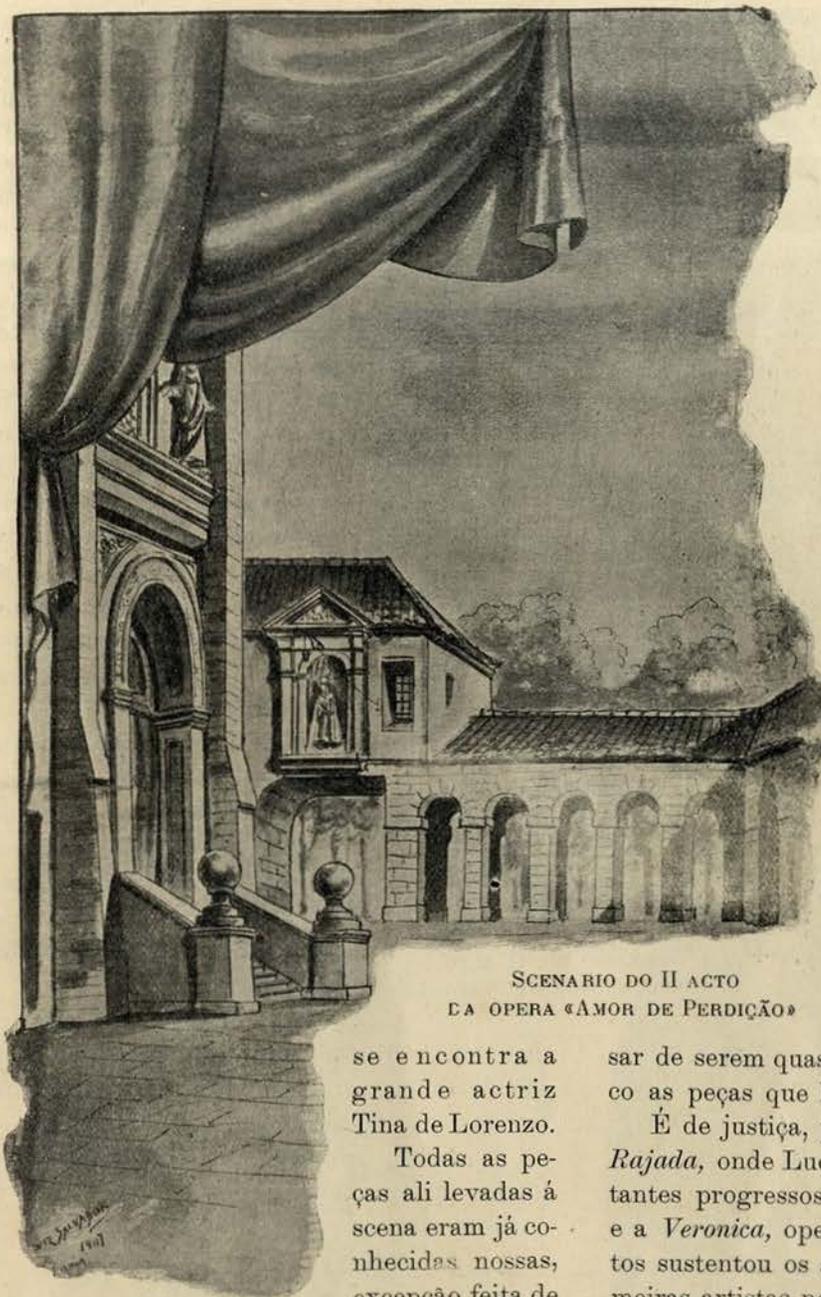
Foi o distincto observador da *Scandinavia* quem coodernou, em formosos versos italianos, o enredo de Amor de Perdição. E fel-o por uma maneira tão superior que bem mostra quanto lhe é peculiar a suave lingua de Dante.

Não estamos, infelizmente, apesar do nosso céu azul e clima temperado, em paiz de can-

tores. Pena foi que, nessa primeira audição, não fosse o formoso drama lyrico desempenhado por artistas portuguezes. Ainda assim, os artistas que, sob a direcção do maestro Mancinelli, arcaram com a responsabilidade dos principaes papeis, houveram-se brilhantemente. E pois que, de hoje em diante, elles ficarão para nós sempre um pouco portuguezes, aqui registaremos os nomes dos sopranos Gagliardi, Torreti e Leonardi, dos tenores Russitano e Fratini, e do barytono Bonino, como os principaes auxiliares do bom exito da opera.

Companhia dramatica italiana Tina di Lorenzo. — Theatro D. Amelia (Lisboa).

Os espectaculos da segunda quinzena de março foram preenchidos, no Theatro D. Amelia, pela companhia dramatica a cuja frente



SCENARIO DO II ACTO
EA OPERA «AMOR DE PERDIÇÃO»

se encontra a grande actriz Tina de Lorenzo.

Todas as peças ali levadas á scena eram já conhecidas nossas, excepção feita de

duas ou tres. E comtudo, o largo salão do D. Amelia encheu-se completamente. É que se não tratava de apreciar a contextura d'este ou d'aquelle drama, mas sim de apreciar o desempenho.

Na realidade, a interpretação que Tina di Lorenzo dá aos papeis de que se incumbem, é magistral. Artista cheia de talento e nervos, educada na escola naturalista, ella sabe empolgar o espectador pela flagrancia de realidade que põe nas attitudes, no gesto, nas

inflexões da voz. Sente como poucas, e sabe transmitir esse sentimento a uma plateia inteira. Está ali — podemos affirmar-o afoutamente — uma rival de Italia Vitaliani, a mais prodigiosa actriz que tem pisado palcos portuguezes.

Como quasi sempre acontece nestas *tournées*, o resto da companhia é inferior. Dir-se-ia que os demais figurantes voluntariamente se eclipsam, para que a estrella principal brilhe em todo o seu fulgor. Assim, bastará que registemos apenas, e esses com palavras de justo louvor, os nomes de Carini e Falconi.

*

Entretanto, a companhia do Theatro D. Amelia effectuava no Porto, no Theatro de S. João, uma curta série de espectaculos, agradando immenso, ape-

sar de serem quasi todas conhecidas do público as peças que levou á scena.

É de justiça, porém, que especializemos a *Rajada*, onde Lucilia Simões revelou os constantes progressos que nella se vão operando, e a *Veronica*, operetta em que Palmyra Bastos sustentou os seus créditos de uma das primeiras artistas no genero.

O Teso—Revista em 3 actos, por Sá de Albergaria, verso de Accurcio Cardoso, musica de Calderon. — Theatro Carlos Alberto (Porto).

Constituiu o successo da presente epoca a revista que, subordinada áquelle titulo, escreveu para aquelle theatro o distincto escriptor Sá de Albergaria.



SCENARIO DO III ACTO
DA OPERA « AMOR DE PERDIÇÃO »

Poucos terão, como elle, uma tamanha bagagem litteraria, esparsa pelo theatro, pelos jornaes, pelo livro. Espirito

scintillante e cheio de modalidades, d'uma fecundidade que assombra, com a mesma penna que hoje traçou os engraçados dialogos da *Voz Publica* e do *Jornal de Noticias*, escreve amanhã as paginas replectas de phantasia e de imprevisto do *Segredo do Eremita* e da *Irmã Dorotheia*.

É evidente que, prodigalizando assim os fructos do seu talento, nessa esgotante tarefa quotidiana, nem sempre pôde ser perfeito. E os ligeiros senões que se notam na sua última

revista são, evidentemente, filhos d'esta circumstancia.

De mais, a revista é hoje um genero ingrato. A censura policial subtrahiu aos auctores d'aquelle genero theatral os melhores recursos de que podiam dispôr: a caricatura e a livre critica. D'esta forma, o escriptôr vê-se forçado a decalcar, a copiar, a crear typos anodynos e anonymos, e ficções de acção nem sempre conformes com a verdade. E na obrigação imprescindivel de fornecer ao público o seu prato favorito, a pilhéria, insensivelmente o escriptor theatral vae descambando no trocadilho picante e nas situações abrejeiradas.

Foi um pouco d'isso o que aconteceu a Sá de Albergaria. O que não quer dizer que a sua nova peça não seja superior a muitas congeneres que ahi tem surgido á luz da ribalta, e feito rápida e feliz carreira.

O snr. Accurcio Cardoso, que tem feito muitos progressos, apresentou um verso correcto e facil, que não deslustra o bom nome adquirido.

A musica, quasi toda compilada, ligeira e alegre, ouve-se com agrado.

As Pupillas do snr. Reitor, operetta em 4 actos, de Alfredo Miranda, verso de Accurcio Cardoso, musica de Philippe Duarte. — (Theatro Carlos Alberto—Porto).

Do formoso romance de Julio Diniz — *As Pupillas do snr. Reitor* — extrahiu o snr. Alfredo de Miranda uma peça que, com o mesmo titulo, acaba de ir á scena no Theatro Carlos Alberto.

Não é esta já a primeira vez que a deliciosa novella aldeã do mallogrado lente da

Escola Medica do Porto sugere velleidades de transplantação para o theatro. Ha algumas dezenas de annos já que no palco do D. Maria se apresentaram, num drama que fez época, as personagens e o enredo das *Pupillas*.

É em operetta, agora, que ellas nos apparecem. E digamos desde já que é nossa opinião que nunca de romance algum de Julio Diniz se poderá extrahir uma operetta viavel. Das *Pupillas* sobretudo. Certamente, o fundo da novella, a paisagem onde a acção se desenvolve, uma ou outra figura, como João Semana e João da Esquina são aproveitaveis. Sómente, a certa altura, o enredo descamba numa torturante tragedia intima, que



ACTOR ALFREDO MIRANDA
Emprezario do Theatro Carlos Alberto

Tal acontece na peça em questão. O conhecido escriptor theatral, snr. Alfredo de Miranda, que já teve muitas peças de sua lavra no cartaz, e com applauso, abalançou-se a uma emprêsa erriçada de difficuldades. E de justiça é dizer-se que torneou bravamente as que eram superaveis.

Seguindo passo a passo a acção da novella, condensando sabiamente os seus principaes episodios, fez o que era possivel fazer-se, sem abusar de mutações frequentes, como ordinariamente acontece em peças theatraes extrahidas de novellas.

Mas, por isso mesmo que houve de condensar, e como não quiz prejudicar os lances mais intensos da acção, acon-



A ATRIZ AMELIA LOPICOLLO



ACTOR JOSÉ RICARDO

o fôro da operetta, tal como o publico a acceitou e a exige, não consente.

tece que as scenas que mais poderiam aproveitar á operetta se adelgaçam e quasi des-

apparecem, para dar logar áquellas que mais commovem a alma do espectador.

Não seremos nós quem considere como defeito esta circumstancia. Ha de, porém, assacar-lh'o o publico, que prefere rir a verter lágrimas.

Em resumo: o snr. Alfredo de Miranda, que conhece a fundo o theatro, carpintejou com mão firme a sua peça. E se não apresentou uma obra perfeita foi porque — já atrás o dizemos — nunca pôde sê-lo uma peça theatral extrahida de qualquer romance.

O snr. Accurcio Cardoso procurou esmerar-se na confecção do verso, e conseguiu-o, apresentando coplas cheias de unção e sentimento popular, que não desmerecem do poema.

A musica é formosa, e singela, como convém.

Companhia lisbonense do Theatro Avenida.—(Theatro Principe Real—Porto).

A companhia de operetta que, dirigida pelo actor José Ricardo e tendo como *estrella* a distincta cantora Amelia Loppiccolo, explorou a passada época o Theatro Avenida em Lisboa, veio dar ao Porto uma curta série de espectaculos.

Ao amplo salão do Principe Real acorreu o publico portuense, ávido de dar as boas-vindas ao illustre artista que dirige a companhia, e que é um dos actores predilectos das nossas plateias.

De entre as peças novas que José Ricardo apresentou, fizeram grande successo as revistas *Favas Contadas*, de Camara Lima, e *Festas de Santo Antonio*, de Alvaro Cabral.



♣ GAZETILHA ♣

I

Mal haja quem me mette neste enguiço
de querer fazer versos, (triste ideia!)
isso é bom para os novos em que ha veia;
um homem, quando é velho, não tem d'isso.

Numa peça, que eu vi, (não muito antiga)
diz um velho que os homens bem formados
teem tres intellectos collocados
na cabeça, no peito e na barriga.

Eu creio que assim seja, na verdade,
mas julgo que os malditos vão secando
ou com a falta d'uso ou com a idade.

Tambem creio que os tive alguma vez,
e agora passo a vida lamentando
o tempo em que os sentia todos tres.

II

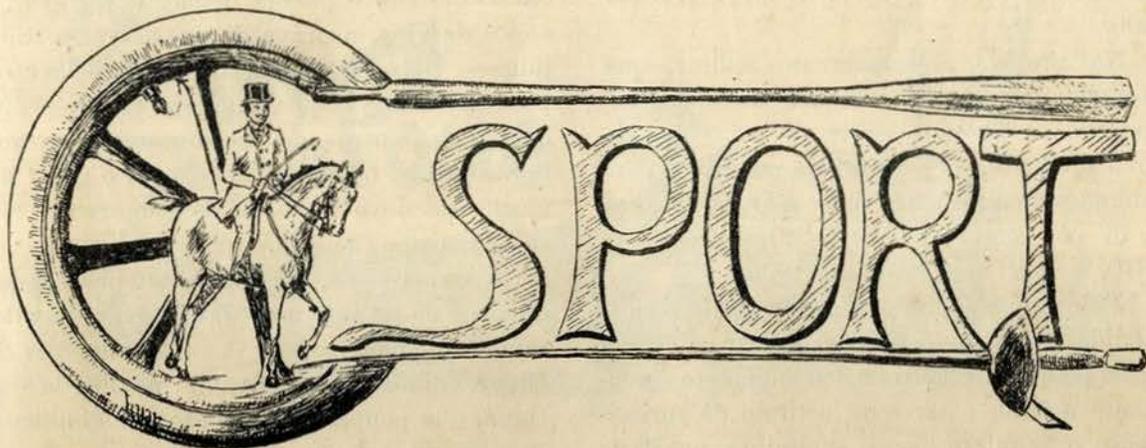
Os versos são creados a granel
nos varios intellectos da pessoa:
cada qual, como pode, os abotoa
e lá vae pespegal-os no papel.

Ha versos trabalhados a cinzel,
ha outros que são feitos á podoa:
ha versos bem atados, coisa boa,
ha outros amarrados a cordel.

Aos poetas, a Musa, com carinho
e muito amor, os trata e os abraça,
e agita-lhes a veia de mansinho.

Aos outros o intellecto amordaça:
depois até lhes cospe no focinho...
Por isso fazem versos d'esta raça.

Abril — 1907.



GYMNASTICA SUECA

Entre todos os *sports* é a gymnastica que, sem sombra de duvida, occupa o primeiro lugar. De facto, enquanto qualquer dos outros, desde a caça ao cyclismo, tendem a desenvolver principalmente um dado *systema* muscular, a gymnastica visa ao desenvolvimento gradual de todos os musculos.

Certamente, a gymnastica é velha como o mundo. Mereceu ella já especial attenção aos gregos, que tiveram o bom senso de considerar a força *physica* e a saude como a primeira das bellezas. As bellas esculpturas da época que até nós conseguiram chegar são a prova evidente d'esta asserção. Simplesmente, nos seus exercicios, consagrados nos jogos olympicos, os gregos attendiam mais á belleza esthetica, á anatomia das formas, que ao funcionamento regular e bem equilibrado de todos os orgãos.

A *physiologia*, ainda então muito rudimentar, não lhes fornecia preceitos que visassem a este ultimo objectivo. Á falta de dados precisos, a gymnastica grega creou, mesmo, noções falsas. Tal foi por exemplo o desenvolvimento exagerado dos musculos peitoraes, que ella considerou como um signal evidente do augmento da caixa thoracica, quando a verdade é que elle não põe nem tira á capacidade respiratoria. Por vezes mesmo, á força de exercicios violentos, se crea-

vam deslocamentos de orgãos, ou a sua *hyperthrophia*, em detrimento de outros. O individuo assim desenvolvido podia ser bello, mas estava muito longe de ser são. Em resumo: a gymnastica antiga produzia atletas, quasi semi-deuses; raramente homens. Hercules, mais do que Higia, era a divindade que ás suas festas presidia.

Mas o tempo correu, e com o progresso das sciencias medicas a theoria da gymnastica soffreu profundas modificações. Ainda hoje, evidentemente, se não pronunciou sobre o caso a ultima palavra. Mas a verdade é que foi Ling o primeiro que, rigorosamente fundado na anatomo-*physiologia* humana, assentou em bases indestructiveis a sciencia do desenvolvimento *physico*.

Os beneficios do methodo que o seu auctor denominou *gymnastica racional*, e mais communmente se conhece pela designação de *gymnastica sueca*, são incontestaveis. Professada a principio na Suecia, a gymnastica racional rapidamente se estendeu a outros paizes. E já naquelle paiz, ao fim de meio seculo, se poderam formar estatisticas que provam, de uma maneira irrecusavel, a excellencia do methodo sueco. Assim, segundo os dados officiaes, a duração media da vida subiu muito naquelle lapso de tempo: 41,5 annos em 1840; 50 annos em 1890. A altura média su-

biu egualmente: 1^m,67 em 1840, 1^m,70 em 1890.

No proprio recenseamento militar, que naquelle paiz se faz com um minucioso escrupulo, se fizeram sentir os beneficios do novo methodo. O numero de mancebos considerados inaptos para o serviço militar, era de 37 por cento em 1840, de 30 por cento em 1870, e de 21 por cento em 1895.

Pelo que respeita á capacidade thoracica, medida á fita no perimetro axillar, e confirmada pelo espirometro, o seu augmento é constante e fatal. Citaremos, a titulo de curiosidade, o seguinte factio, succedido em Paris no anno de 1902:

Vinte mancebos que pretendiam matricular-se na Escola Militar (Saint-Cyr) tinham sido *addiados* por falta da capacidade thoracica. A conselho dos drs. Michaux e Chaillon, começaram a exercitar-se na gymnastica sueca. Ao fim de poucos mezes, a capacidade thoracica de todos elles tinha augmentado, nuns 2, noutros 4, e até, em alguns, 7 centimetros. E foram *todos*, em nova inspecção, admittidos ao serviço militar.

Estes factos provam exuberantemente as vantagens do methodo sueco. Certamente, compondo-se de exercicios sem auxilio de aparelhos mais ou menos mirabolantes, elle não representa um *sport* de theatro ou de circo. Se por esse lado perde, tem por outro a vantagem de ficar barato, e ao alcance de todos. Póde ainda assacar-se-lhe a pecha de que tem posições, attitudes ridiculas. Mas que importa isso, se esses exercicios não são feitos deante do público, e se d'elles se tiram excellentes beneficios? Que faz ao caso que não seja bello, comtanto que seja saudavel?

No proximo numero começaremos a exposição, acompanhada de gravuras elucidativas, da pratica do methodo sueco. Por ella verão todos os que nos lêem quão simples e facil é conservarmos a nossa saude, e fortificar a dos nossos filhos. Quem estas linhas escreve, tem em casa, na pessoa de um filho que nasceu

enfezadissimo, e passou doente os primeiros annos da vida, a prova do que assevera. Elle julga-se pois na obrigação de aconselhar os paes da familia a que o imitem, e de lhes pôr deante dos outros, em tres ou quatro artigos doutrinarioros, o quanto baste para o guiar no ensino do novo methodo de gymnastica, tão simples como racional.

A experiencia, mesmo, ditou-nos regras, quadros de mnemonisação, que em nada alteram — digamol-o desde já — os principios de Ling. Trata-se apenas de um trabalho de synthese, que poupará ao professor e ao alumno um pesado trabalho de memoria.

Como o methodo de Ling é sobretudo racional e acompanha passo a passo a physiologia, é evidente que os exercicios gymnasticos deverão variar de sexo para sexo e de idade para idade. — *Ao homem compete ser forte, e á mulher ser bella* — dizia o philosopho. A mulher, tem, além d'isso, de desempenhar na vida uma grande funcção: a da maternidade. No sentido de obtermos uma razoavel amplitude da bacia, uma serena gestação, um parto facil, e a força bastante para atravessar o periodo da amamentação, devem ser dirigidos os nossos esforços. Por seu lado, as creanças — organismos em desenvolvimento — necessitam cuidados especiaes.

Teremos portanto de dividir a nossa exposição nos seguintes capitulos:

- I. — Posições de partida para os diferentes exercicios.
- II. — Gymnastica das creanças.
- III. — Gymnastica dos adultos do sexo masculino.
- IV. — Gymnastica dos adultos do sexo feminino.

Mais quatro artigos que, crêmol-o bem, se revestirão de alguma utilidade para quem os lêr.

DR. LOOCH.

A POESIA DO POVO



O CONDE RAUSADOR

(ROMANCE)

Preso vae o nobre Conde,
preso vae e algemado.
Não vae preso por ladrão
nem por home haver matado,
mas por violar a romeira
que vinha de San'Thiago.
Não bastou o rausal-a,
senão dal-a ao seu creado!
Acometteu-a na serra,
em logar despovoado.
Por morta lá a deixara,
se não fôra haver gritado.
Chorou tres dias, tres noites,
e mais teria chorado,
se não fosse Deus, que acode
sempre a quem é desgraçado.
Passou por ali um velho,
um velhinho corcovado,
de barbas brancas de neve,
ao seu bordão arrimado;
leva conchas na esclavina,
o chapeo d'ellas cercado.
Chegou-se á pobre romeira
com muito amor, muito agrado:
— Não chores mais, minha filha,
que demais já tens chorado;
esse nobre rausador
preso vae a bom recado. —

Partiu d'ali o bom velho,
da romeira acompanhado;
vão-se diante do rei,
onde o conde era levado.
— *Eu te requiero, bom rei,
em nome de San'Thiago
que nesta pobre romeira
o fôro seja guardado.
Da lei divina é casar-se,
da humana ser degolado,
que não valem privilegios
quando é Deus o agravado.* —
Disse el-rei aos conselheiros
com semblante carregado:
— *Sem mais demora, este feito
quero já desembargado!* —
— *Visto está o feito agora,
julgado e mui bem julgado:
ou ha de casar com ella,
ou ha de ser degollado.* —
— *Assim seja,* disse o rei;
*o algoz que seja chamado:
ou casar com a romeira,
ou aqui ser degolado.* —
— *Venha o carrasco depressa,*
respondeu o accusado;
*antes morrerei mil vezes
que viver envergonhado.* —

Ouvide agora o que disse
o bom velho corcovado:
— *Senhor rei! não julgues bem!*
má sentença tendes dado.
Primeiro case com ella,
depois seja degollado.
Lava-se a honra com sangue,
mas não se lava o peccado. —
— *Quem sois vós, que assim mandaes*
um rei nado e coroado?

Palavras não eram ditas,
o bom velho corcovado
despe os trajes de romeiro,
atira o bordão ao lado,
nas vestes de um santo bispo
aparece transformado:
mitra de pedras mui finas,
de oiro puro o seu cajado.
Tomou a mão da romeira,
a mão do conde ha tomado;
por palavras em latim
ali os tem desposado.
Choravam todos á roda,
chorava mais o culpado;
chorando, pedia a morte,
por não ficar deshonorado.
O santo bispo o absolvía
do seu nefando peccado.
Logo o levam ao terreiro
onde vae ser degollado.

Já lá 'stá com seu cutello
o carrasco preparado.
Resa as orações dos mortos
o santo bispo a seu lado.

— *Não me enterrem na egreja,*
diz o pobre condemnado.
Naquelle prado me enterrem
onde se faz o mercado,
que por todos quantos passem
eu mereço ser pisado. —

Logo sobre o seu pescoço
o cutello foi lançado.
Cae a cabeça no chão
e o corpo lá vae levado.
Cumpriram-se ambas as leis,
como foi determinado:
a divina, que é casar-se,
e a humana, ser degollado.
E o conde rausador
no prado foi enterrado,
p'ra que toda a gente diga,
ao vel-o ali sepultado:
— Pobre de ti, peccador!
Pobre de ti, desgraçado!
Morreste de mal de amores,
que é um mal desesperado.

(Recolhido em Chaves).



Livros novos

O MARQUEZ DE NIZA, romance de
Eduardo de Noronha.

Mais um livro que o distincto escriptor lisbonense, snr. Eduardo de Noronha, acaba de lançar á voracidade do publico, um grosso volume de mais de 500 paginas, editado pela Emprêza Litteraria e Typographica.

Digamos desde já que se trata d'um livro honesto. E ao escrevermos esta palavra, não

queremos empregal-a apenas no sentido restricto que ordinariamente se lhe dá. Porque, se é certo que o snr. Eduardo de Noronha propositadamente evitou a descripção de scenas mais ou menos livres, que a dissoluta côrte de Napoles, onde decorre a maior parte da acção, com abundancia lhe fornecia, tambem é verdade que o distincto romancista firmou os caracteres das suas personagens e

os transe do enredo em factos absolutamente historicos, num exagero de escrupulos raro em romancistas.

Quando, pois, asseveramos que *O Marquez de Niza* é um livro honesto, queremos sobretudo registrar que todo o seu trama se funda numa rigorosa documentação.

O romance historico é, de todos os generos de novellas, o que se reveste da mais primacial importancia, porque educa delectando. As classes menos cultas que, por um singular instincto, são as que mais procuram as leituras de semelhantes obras, folgam em encontrar, a par do enredo que as commove, a reconstituição de uma época por ellas desconhecida. Assim, delectando-se, e quasi insensivelmente, se vão instruindo. Grande serviço presta por esta fórma o romancista historico. Quando, porém, levado pela ancia de mais intensamente fazer vibrar a alma dos seus leitores, o auctor troca a verdade da historia por ficções filhas da sua phantasia, sem sequer se dar ao incommodo de avisar o desprevenido leitor, acontece que a novella historica se torna perigosa, porque vae encher o espirito do leitor de noções menos exactas. Tal acontece, por exemplo, nos romances de Dumas pae, onde a verdade historica é tão profundamente deturpada em prol dos interesses novellescos, que mal iria a quem pretendesse estudar historia nas obras do fecundo escriptor francez.

Ora é precisamente este defeito que se não pode assacar ao *Marquez de Niza*. Certamente, aqui e alem, o snr. Eduardo de Noronha phantasiou. Nem podia deixar de fazel-o, sob pena de deixar cahir o seu romance na aridez de um tratado didatico. Mas com tão rara felicidade o fez, que o fundo historico da sua obra se mantem inalteravel, de accordo com os documentos da época, e os depoimentos dos coevos.

Nem mesmo necessitou de alterar os caracteres dos seus personagens. Antes, pelo contrario, os fixou conformemente á opinião geral. Taes, por exemplo, o indolente e refalsado Fernando iv, a leviana e ambiciosa Maria Carolina, a dissoluta e tórpe Emma Lyonna, o heroico e simultaneamente devasso

e cruel Nelson, o destemido e pundonoroso Marquez de Niza; taes ainda as figuras que mais na penumbra se quedam, como José Maria de Almeida e Moreira Freire. Só, quanto a nós no retrato de Leonor Pimentel, — ou porque assim conviesse á acção do seu romance, ou porque se tratasse de uma compatriota illustre, o distincto escriptor amenizou um pouco as tintas, apresentando-nos uma



EDUARDO DE NORONHA

mulher superior, com certeza bastante superior ao que ella foi. Longe de nós o negar a intelligencia acima do vulgar, vasta erudição e coração bondoso que o snr. Noronha lhe attribue. Simplesmente, ella antolha-se-nos uma hysterica, eivada da mesma nevrose que as suas duas figadaes inimigas, só menos exotica e mais amiga da liberdade. Conspiradora de larga vista e intensa philantropia, não ha duvida. Mas conspiradora que se presta a representar o *truc* de desalgemar prisioneir-

ros na praça publica, e a subir ao proscenio de S. Carlos, para ahi, diante de um milhar de pessoas, empunhar a bandeira tricolor da recém-nada republica parthenopeia, entoando



D. DOMINGOS XAVIER DE LIMA
7.º MARQUEZ DE NIZA
(Reprodução d'um retrato antigo)

Estas considerações, filhas de um modo de ver muito pessoal, nada põem nem tiram, de resto, ao valor da nova obra do snr. Eduardo

a plena voz o hymno da liberdade.

Um mixto de *bas-bleu* e *sans-culotte*? — Muito longe d'isso. Cornelia, se assim o quizerem. Mas uma Cornelia em cujo vulto grandioso se esbatem, de vez em quando, os reflexos de Philaminte...



EMMA LYONNA, LADY HAMILTON
(Copia d'um quadro de Reynolds, existente na Galeria Nacional, de Londres)

Patriotica, mesmo. Que não ha ahi ninguém, por mais fundamente ferido de scepticismo politico,



PANORAMA DA CIDADE DE NAPOLES

de Noronha, que conseguiu realizar no *Marquez de Niza* uma obra sã e educativa.

vella historica, mas elegante e correctissimo. Ha por vezes, aqui e alem, descripções mara-

co, que se não commova e não vibre de entusiasmo diante do rosario de glorias que a marinha portugueza desfia no decorrer do romance, desde o bloqueio de Malta até ao assédio de Tripoli.

O estylo é sobrio, como convem a uma no-

vilhosas de colorido. Assim, a tempestade provocada pelo sirocco, o incendio da esquadra napolitana, e a morte de Nelson na batalha naval de Trafalgar, constituem quadros admiravelmente traçados, evocações soberbas que denunciam uma penna magistral.

DISCURSOS E CONFERENCIAS, pelo Conselheiro Ruy Barbosa.

A Emprêsa Litteraria e Typographica acaba de colligir em volume varias conferencias e discursos, pronunciados pelo Conselheiro Ruy Barbosa. Por demais é conhecido, mesmo em Portugal, este illustre orador, um dos mais distinctos no Brazil. E sempre com agrado serão lidas, como agora forçosamente ha de acontecer, as suas soberbas peças oratorias.

Possuidor de uma vasta erudição, e dispondo de abundantes recursos de palavra, conhecendo profundamente a lingua portugueza, o distincto estadista brasileiro reveste-se de todas as qualidades indispensaveis para os combates tribunicios.

E poucos, de entre os politicos da vasta republica sul-americana, terão como elle um passado glorioso, e uma longa lista de serviços. E o que ainda se torna mais digno de nota, é a circumstancia de que a palavra fluente e elegante de Ruy Barbosa nunca se ergueu senão em defesa de causas justas. Basta citar, em testemunho d'esta asserção, a campanha abolicionista, tão santa e tão humanitaria, da qual o illustre orador foi um dos mais ardentes campeões.

Ao lêrmos agora a compilação de alguns dos seus discursos, comprehendemos a idolatria que o povo brasileiro lhe vota. É que é raro encontrar-se conglobados num só orador o poder de argumentação, a elegancia de fraze, os raptos indignados e a ironia mordaz, armas terriveis que o Conselheiro Ruy Barbosa joga destramente, como grande orador que é.

MEFISTOFELLES EM LISBOA, por Gomes Leal.

Editado pela livraria Guimarães e C.^a acaba de sahir a lume, em formosa edição, o volume de versos, na sua grande maioria sonetos, que o snr. Gomes Leal subordinou ao titulo de *Mefistofeles em Lisboa*.

Começa o poemeto com a chegada do diabolico personagem á « barra voluptuosa do Tejo », e termina com a despedida, quando o sarcastico tentador das almas puras se resolve a trocar emfim as lamas do Chiado e as alforjas da Mouraria por mais longinquos e quiçá mais civilizados paizes.

Mais civilizados, certamente. Porque o que Mefistofeles viu na cidade de granito foi uma successão de aspectos e episodios picarescos, cruelmente burguezes, tocados de onde a onde de uns laivos de civilização importada que não conseguiu transpor integra as portas da aduana, e se apresenta portanto na missa do Loreto á uma hora, e ás cinco da tarde no Campo Grande, de sedoso vestido á Directorio tallado na Aline, penteado o mais moderno possível, luvas de *peau de Suède*... e chinellos de ourello.

Conscienciosamente, como um forasteiro de Bedeker no bolso e lapis enristado, o traçoeiro amigo do dr. Fausto foi annotando na carteira as suas impressões, que o snr. Gomes Leal, com uma fidelidade de phonographo, acaba de nos transmittir.

Lê-se com aprazimento, e com um sorriso ao canto dos labios, o satyrico *carnet*. Nota-se simplesmente, de onde a onde, que Mefistofeles, demasiado *sceptico e blagueur*, como convém a um diabo superior, fôrça um pouco a nota, a fim de obter os effeitos desejados.

Não seremos nós quem lhe queira mal por isso. Mefistofeles fez como lhe aprouve, e, fazendo-o, conservou-se a dentro do seu papel. E por mais piparotes que elle, durante a sua estada na Capital, haja dado no bacharel Macario e no Conselheiro Accacio, cremos bem que estes não deixaram de concorrer ao seu bota-forá, para lhe dar o ultimo abraço, e confessarem, com toda a sinceridade, que o diabo, a final, — não é tão mau como o pintam...

RETALHOS

UMA AUDIENCIA NA CORTE DE NAPOLES

Corrido o reposteiro do sumptuoso salão, onde se realizaria a audiência, entraram os dois officiaes e o ministro. O almirante portuguez beijou ao de leve a mão de Fernando IV, fervorosamente a de Maria Carolina, ambos sentados em poltronas debaixo d'um docel, baixou a cabeça com garbosa mesura ao sequito que se encontrava á esquerda dos reinantes, movimento que imitou o commendador Sá Pereira, esperando todos que lhes fosse dirigida a palavra.

— Glorificado seja Deus que vos trouxe de novo a Napoles, senhor marquez — disse a rainha, illuminando o rosto com um dos seus mais adoraveis sorrisos.

— Commemoro hoje um dos dias mais felizes da minha vida — redargui de prompto e com a habitual polidez o interpellado — cumpro dois deveres que me são extraordinariamente gratos: o de ser agradável á minha soberana, collocando-me ás ordens de Vossas Magestades, e o de beijar outra vez a mão escultural da mais encantadora rainha do Universo.

Fernando IV olhou de soslaio para a sua, e remoneou por entre dentes:

— Não póde afirmar outro tanto da minha.

— Agradeço-vos muito penhorada a visita e a lisonja. A saude da senhora D. Maria I melhorou? Como se encontra seu filho o principe D. João e demais familia real?

— Sua Magestade a rainha continúa alheia aos negocios do governo, devido ao melindroso estado da sua razão, mas o principe e sua esposa encontram-se excellentemente dispostos, e encarregam-me de entregar aos reis das Duas Sicilias a presente carta escripta pelo proprio punho de Sua Alteza.

O marquez de Niza tirou d'um estojo que o seu ajudante levava uma carta, e offereceu-a a Fernando IV.

— Mau! — murmurou o rei, quasi imperceptivelmente. — Agora obrigam-me a fingir que decifro garatujas que nem Satanaz entende.

Simulou que leu a carta e passou-a acto continuó a Maria Carolina. A rainha percorreu-a attentamente e, finda a leitura, explicou:

— Vindes para coadjuvar o almirante Nelson, para cooperar com elle no aniquillamento da esquadra franceza e ao mesmo tempo prestar-nos o auxilio de que precisarmos. É uma missão que muito nos captiva, a mim e a meu augusto esposo. Embora o reino das Duas Sicilias se mantenha em paz com a França, ninguem pode prevér o futuro,

— Pois sim! — commentou Fernando IV, de lado, baixinho. — Mais um que vem enredar a meada já de si complicadissima.

— Dignem-se Vossas Magestades considerar-me a mim como o seu vassallo mais fiel, e a esquadra do meu commando como propriedade sua. São essas as minhas instrucções. Solicito mais a honra de me concederem nova audiência para os cumprimentos da minha officialidade.

— Amanhan — respondeu Maria Carolina consultando o marido com a vista.

— Amanhan — repetiu com indifferença Fernando IV.

— Consintam ainda Vossas Magestades que lhes apresente o meu ajudante Roberto de Veiros.

Maria Carolina acenou affirmativamente com a cabeça e estendeu a mão ao official, que, com desembaraço e elegancia, se adeantou e beijou as pontas dos dedos da rainha e do rei.

— É a primeira vez que vem a Napoles? — interrogou Maria Carolina.

— Não, minha senhora, é a segunda; ha tres annos, quando servia a bordo da *Culloden*, da marinha britannica, tive o prazer de me extasiar ante o admiravel panorama da bahia.

— Pelo que ouço, andou nos navios do rei Jorge III.

— Durante cinco annos, minha senhora.

— Vou apresentar-lhes — proseguiu a rainha, virando-se para o marquez de Niza e seu ajudante — as minhas damas e dignitarios. Em primeiro logar eis lady Hamilton, minha amiga, e esposa do embaixador de Sua Magestade Britannica.

O marquez de Niza fitou com curiosidade e admiração essa mulher tão citada e discutida. Lady Hamilton sentara-se num tamborete aos pés de Maria Carolina, unica pessoa que infringia assim as imposições rigorosas da etiqueta. A vista ficava como offuscada ao deparar-se-lhe tão capitosa e enebriante formosura. Emma Lyonna, nome proprio e de familia da embaixatriz, curvou ao de leve a cabeça, permittiu que lhe osculassem a pequenina e avelludada mão, e envolveu num olhar de fogo os dois officiaes. A apresentação estendeu-se a todos os circumstantes. Em seguida a rainha accentuou um gesto que significava o desejo de ficar só com os recémchegados, mas preveniu a dama que se lhe reclinava aos pés:

— Demore-se aqui, minha cara Emma, com seu marido.

Roberto tambem pensou em retirar-me, mas teve-o um gesto da rainha.

Permaneciam agora no salão os soberanos, o ministro e os officiaes portuguezes, o general Acton, o embaixador da Gran-Bretanha e sua mulher.

Sir W. Hamilton contava perto de setenta annos; enfizara-o a idade e os cuidados da diplomacia. Com os poucos cabellos lançados para trás, de rosto exiguo, de olhar claro, de nariz pequeno, labios delgados e queixo em bico, pouco revelava nelle o archeologo perseverante e o diplomata astucioso e

enredador. Irmão de leite do rei de Inglaterra Jorge III, desempenhava o cargo de embaixador do seu augusto collaço na cõrte das Duas Sicilias havia trinta e cinco annos.

Roberto de Veiros não despegava a vista da deslumbrante embaixatriz. Emma sorria-se ao convenecer-se que a sua provocadora belleza produzia o costumado effeito no moço official. Depois, mais serpeando que andando, envolvendo-o num jacto de effluvios de lubrica tentação, despedido pelas suas sensuaes pupillas, aproximou-se d'elle, e disse-lhe, enquanto as demais pessoas conversavam de politica, em inglez:

— É então quasi um compatriota?

— Não, minha senhora, sou legitimo portuguez — explicou Roberto no mesmo idioma, a sorrir — e é a primeira vez que me acode ao espirito a nefanda idéa de renegar, ao menos momentaneamente, a minha patria.

— Porquê? — inquiriu Emma, saturando ainda mais de lascivo fluido o olhar voluptuoso.

— Seria já um ponto de contacto com a mais tentadora creatura que tenho contemplado na existencia — replicou ousadamente Roberto.

Lady Hamilton descarregou o enorme poder magnetico de que dispunham as suas pupillas, caprichando em desvairar completamente o audacioso rapaz, e redarguiu:

— O unico?

— Não me cabe a mim responder, — retrucou com progressivo atrevimento o ajudante; — é um pleito em que sendo eu réo, e devo confessá-lo, incorrigivel, só a lady Hamilton compete sentenciar na sua qualidade de juiz.

— E se a sentença lhe fosse favoravel?

— Julgar-me-ia transportado ao Olympo, unica mansão, ensinam os poetas, onde os simples mortaes levam a impiedade a desejar as deusas.

Emma estacou um tanto surprehendida do despejo de Roberto. Examinou-o mais detidamente e adivinhou-lhe nas feições harmoniosas e energicas um d'esses caracteres que nunca se intimidam, nem recuam ante nenhuma emprêsa. Tornou-se mais sorridente e objectou:

— Estamos em Napoles e não nos dominios de Jupiter. Aqui o mitho cede o logar á realidade, a ficção some-se para evidenciar o que só é positivo.

— Mas essa realidade ultrapassa os sonhos grandiosos dos artistas mais inspirados; a ficção personifica-se, adquire formas, surge d'um paradisiaco devaneio para nos dominar e enlouquecer, para desdenharmos Juno, Venus, Diana, todos os vogaes femininos do conselho celeste.

— São todos assim inflammados os homens do seu paiz?

— Um Vesuvio em cada peito, uma cratera em cada bocca, uma torrente de lava em cada phrase, e em cada acto... erupções como as que destruíram Herculano e Pompeia.

— Meu Deus! Fujo assustada, receio carbonisar-me nessa catadupa de labaredas.

E afastou-se rindo. A audiéncia terminara. A rainha deu o braço a Emma e ambas sahiram do salão.

— Sabes — disse Maria Carolina para a sua amiga intima — que esse fidalgo portuguez, o marquez de Niza, é um dos mais garbosos officiaes que teem entrado no Paço.

— Não tanto como o seu ajudante — corrigiu logo a embaixatriz britannica.

— Cautela com o almirante Nelson! — ameaçou mostrando os alvos dentes Maria Carolina.

— Cuidado com o general Acton — insinuou cariciosamente lady Hamilton.

— Misero brazeiro extinto! — respondeu a rainha.

— Pobre ausente mutilado! — commentou Emma.

E as duas amigas, soltando estridulas gargalhadas, sonoras como dois cristaes em vibração, confundiram os labios num demorado e ardente beijo.

(De *O Marquez de Niza.*)

EDUARDO DE NORONHA.

A FELICIDADE

Quem pôde, neste mundo, até hoje definir a felicidade? Desde que a attenção do homem se concentrou da natureza visivel para a natureza interior, a sciencia, a poesia, a religião, debruçadas sobre o coração humano, revolvem o impenetravel problema, esgotando em vão a sagacidade, a inspiração, a eloquencia. Todas as influencias que compõem a alma contradictoria do homem, que o obscurecem, ou explicam, que o regeneram, ou degradam, os sentimentos que fortalecem, ou deprimem, os que criam, ou destroem, os que repellem, ou encantam, vão passando successivamente pelo fundo mysterioso do vaso, onde a humanidade bebe, desde o principio de sua criação, a ambrosia e o fel. E a eterna interrogação continúa a preoccupar eternamente as cabeças, que meditam, as imaginações, que scismam: onde está a felicidade? No amor, ou na indiferença? Na obediencia, ou no poder? No orgulho, ou na humildade? Na investigação, ou na fé? Na celebridade, ou no esquecimento? Na nudez, ou na prosperidade? Na ambição, ou no sacrificio? Risivel pretensão fôra a minha, se me propuzese a entrar com uma fórmula nova na multidão innumeravel dos excavadores d'este enigma. Não passa de uma impressão pessoal a que vos traduzo, dizendo-vos em uma palavra a minha maneira de interpretar o grande segredo. A meu ver, a felicidade está na doçura do bem, distribuido sem idéa de remuneração. Ou, por outra, sob uma fórmula mais precisa, a *nossa* felicidade consiste no sentimento da felicidade alheia, generosamente creada por um acto nosso.

(*Discursos e Conferencias.*)

RUY BARBOSA.

PREGÕES MATINAES

Passo ás vezes na cama um dia inteiro
de pápo para o ar, como um madraço...
fumando qual filósofo ou palhaço,
—sem mulher... sem cuidados... sem dinheiro!

É de manhã então que me é fagueiro
ouvir trinar no cristalino espaço
um pregão mais macio que um regaço,
que se esváe a carpir... como um boieiro...

De manhã é que passa a leiteirinha,
com seu pregão chilrado de andorinha,
passam varinas de gargantas sãs...

E ao escutar taes cantantes semifúas,
eu creio que oiço ao longe as frescas Musas
— a vender uvas e a pregoar maçãs.

(*Mefistofeles em Lisboa*).

GOMES LEAL.

Medicina de urgencia

A GRIPPE

Com os primeiros annuncios da primavera entrou connosco essa pertinaz doença que se chama *grippe*, nome estrangeiro que nós deveriamos nacionalisar, como ella se nacionalizou, tornando-se endemica no nosso paiz.

É ella, na grande maioria dos casos, uma doença benigna, que evolve e nos abandona em poucos dias. Em todo o caso, é necessario que nos lembremos de que podem surgir complicações terriveis no seu decurso, sobretudo do lado do apparelho respiratorio, e ainda de que, por muito ligeira que seja a invasão, podem d'ella surgir consequencias muito de recear. Largas vezes temos observado que, em organismos enfraquecidos, a *grippe* constitue o ponto de partida de lesões pulmonares de natureza tuberculosa.

A *grippe* começa ordinariamente por cefalalgias, vertigens, febre, dôr de cabeça mais ou menos intensa, uma grande sensação de fadiga e enfraquecimento muscular. Por vezes, um defluxo impertinente se installa, com espirros e lacrimejamento abundante.

A partir d'então, as escalas symptomaticas divergem, consoante o apparelho mais atacado.

Os apparellhos respiratorio e digestivo são, quasi sempre, os que mais reagem. E pôde dizer-se que o embaraço gastrico, traduzido pela perda de appetite, mau gosto na bocca, lingua saburrosa, e a bronchite (tosse, expectoração, dores no peito) fazem sempre parte do cortejo symptomatico da *grippe*.

No principio do ataque, convem desinfetar o tubo digestivo, por meio de um pur-

gante, a limonada de citrato de magnesia, por exemplo.

Nos dois dias seguintes, deve-se provocar a transpiração por meio de bebidas muito quentes ligeiramente alcoolizadas e antipyrina, a que convem associar o quinino :

Antipyrina	5 decigrammas.
Sulfato de quinino	2 decigrammas.
Numa hostia	N. 6.º

Tomar 3 por dia, com um intervallo de 6 horas.

Durante este periodo, o doente alimentar-se-á a caldo e leite.

Regra geral, dentro de 2 ou 3 dias, a doença cede, e o doente entra em convalescença. Fica quasi sempre uma certa depressão de forças, que o tempo vae debellando; e ainda pôde persistir a tosse, ás vezes muito pertinaz. Neste ultimo caso, convem fazer uso do seguinte :

Terpina	} ãa 1 decigramma.
Balsamo de tolu.	
Codeína	1 centigramma.
Numa pilula	N.º 6.

Tomar 3 a 4 por dia.

Logo que o doente se sinta regularmente disposto, poderá retomar as suas occupações, rodeando-se, porém, de um certo numero de cuidados que obstem a uma recaída, que pôde ser funesta, e bem mais grave que o primitivo ataque.

Dr. Looch.

O grande acontecimento do mez

O IV CONGRESSO CONTRA A TUBERCULOSE

Promovido pela Liga Nacional contra a Tuberculose, realizou-se no Porto, como fôra previamente determinado, o quarto congresso

contra a tuberculose.

Desde muito já que o comité organizador, composto de distintos médicos portuenses, congregava os seus esforços no sentido

seu palacio á disposição dos congressistas, até ao Club dos Girondinos, que promoveu festas em sua honra, não houve ali ninguém

que se não mostrasse

interessado na marcha do congresso, e não procurasse, por todos os meios ao seu alcance, honraros illustres hospedes.

Só o tempo...

não correspondeu a esta gentileza. Desde que o congresso se abriu até á sessão do encerramento, o glorioso disco do sol não se dignou mostrar-se. Uma chuva miudinha e

penetrante tombava do ceu, encharcando os transeuntes desprevenidos, enlameando as ruas, pondo em toda a cidade uma nota de severidade e funda melancolia. Por vezes, fortes lufadas de vendaval açoutavam o casario, e a chuva cahia mais pesada então, em aguaceiros massiços, que afugentavam o movimento.

E só num dos dias de festa, precisamente quando o cortejo dos girondinos se preparava para sahir, o ar serenou, e o firmamento, se bem que toldado, teve a caridade



PROF. CANDIDO DE PINHO
Presidente do Congresso



PROF. ALFREDO DE MAGALHÃES
Secretario Geral do Congresso

de conseguir que ás sessões do congresso acoressem os primeiros ornamentos da sciencia nacional. E a verdade é que o conseguiu, pois que nelle se fizeram representar as principaes corporações scientificas e philanthropicas do paiz.

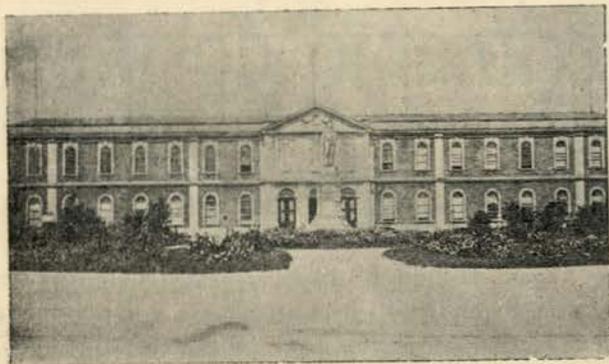
Havia quem suppuzesse que o Porto, meio essencialmente commercial, se desinteressaria absolutamente das sessões de estudo em que os luminaires da sciencia entre si debatiam o momentoso assumpto da guerra á tuberculose. Folgamos em registar que se enganaram absolutamente os que vaticinavam semelhante prognostico. O que se viu foi precisamente o contrario d'isso. Desde a Associação Commercial, que generosamente poz o



DR. ANCIÃES PROENÇA]
Thesoureiro do Comité



DR. PACHECO DE MIRANDA
Secretario do Comité



HOSPITAL DE ALIENADOS DO CONDE DE FERREIRA

de suspender as catadupas de agua com que até ahí nos fustigara.

D'esta forma, pode dizer-se que os congressistas se limitaram ao passeio forçado, de trem ou de electrico, do hotel para a Bolsa. Se alguma coisa lhes foi dado ver do Porto, foi um curto retalho da cidade, sempre o mesmo, sombrio e triste, como a atmosphaera. Esses bellos monumentos, antigos ou modernos, que o Porto possui, certamente lhes passaram despercebidos, e nenhum d'elles



PALACIO REAL

fruiu a honra da sua visita. Queixemo-nos do tempo, que só elle teve a culpa da arrelia que todos soffremos.

OS TRABALHOS SCIENTIFICOS

A sessão inaugural realizou-se no precioso salão arabe da Bolsa, ás 2 horas da tarde do dia 4 de abril. O sumptuoso palacio da Associação Commercial achava-se ricamente adornado, com arbustos e flores, desde o vestibulo até á galeria do 1.º andar, onde uma das se-

ções da exposição de hygiene produzia um lindo effeito decorativo, pela bella disposição dos seus mostruarios.

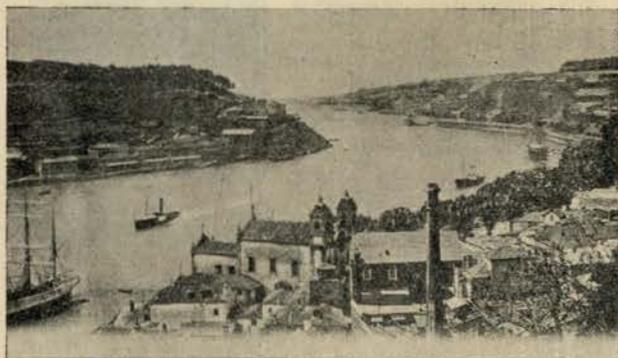
Presidiu a essa sessão, a que assistiram, alem dos congressistas, innumeradas senhoras, o presidente do Comité Organizador snr. dr. Candido de Pinho, lente da Escola Medica do Porto, secretariado pelos vogaes snrs. drs. Alfredo de Magalhães e Pacheco de Miranda.

Ao lado da mesa da presidencia sentavam-se os presidentes de honra: ex.º snr.



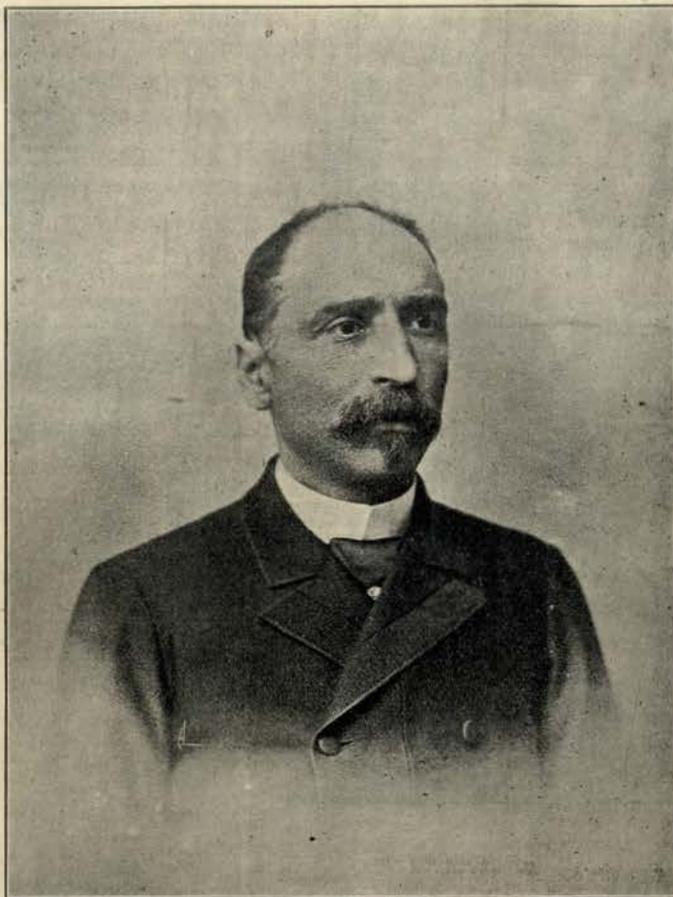
HOSPITAL REAL DE SANTO ANTONIO

D. Antonio Barroso, Bispo do Porto; general-commandante da divisão; dr. Jacintho de Magalhães, presidente da camara; dr. Pinto de Mesquita, governador civil; dr. Julio de Araujo, presidente da Associação Commercial; Antonio Alves Calem Junior, presidente da Associação Industrial; José da Silva Pimenta, presidente do Centro Commercial; Ferreira Gonçalves, vice-presidente do Club Fenianos Portuenses; Antonio Julio da Costa, vice-presidente do Club dos Girondinos; capitão Adriano de Sá, presidente da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras; conselheiro



RIO DOURO — MARGENS DO PORTO E GAYA

Gualberto Povoas, director dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro; conselheiro Henrique Maia, delegado de saude; Dr. José Antonio Forbes de Magalhães, provedor da Santa Casa da Misericordia; dr. Guilherme Nogueira, director do Hospital de Santo Antonio; dr. Julio de Mattos, director do hospital do Conde de Ferreira; Tenente-coronel Ernesto Teixeira de Menezes e Lencastre, director do Hospital Militar D. Pedro v; dr. Moraes Caldas, director da Escola Medica; dr. Gomes



DR. TITO FONTES
Vice-Presidente do Comité

Teixeira, director da Academia Polytechnica; drs. Ribeiro Nobre e Porphirio da Silva, reitores dos lyceus; dr. Paulo Marcellino, director do Instituto Industrial e Commercial; dr. Alves Bonifacio, director da Escola Normal, etc.

Tomaram a palavra nesta sessão, por tantos moti-



DR. PINA VAZ
Vogal do Comité

vos distincta, os srs. dr. Candido de Pinho, em nome do Comité; dr. Julio de Araujo, pela Associação Commercial; dr. Jacintho de Magalhães, pela Camara Municipal; dr. Pinto de Mesquita, em

lização se deve aos distinctos clinicos portuenses drs. Arantes Pereira e Carteadado Mena, foi um dos que mais salientes se tornaram.



DR. ARANTES PEREIRA
Presidente do sub-Comité da Exposição de Hygiene

lização se deve aos distinctos clinicos portuenses drs. Arantes Pereira e Carteadado Mena, foi um dos que mais salientes se tornaram.

A partir d'esse dia, o congresso dividiu-se em duas sessões: a geral, cuja mesa era constituida pelos srs. drs. Candido de Pinho, Alfredo de Magalhães



DR. CARTEADO MENA
Secretario do sub-Comité da Exposição de Hygiene

e Pacheco de Miranda, tendo por presidentes de honra os srs. conselheiro Silva Amado, dr. Tomaz Meilheiro Silva Amado, dr. Tomaz Meilheiro Silva Amado, prof. Miguel Bombarda, prof. Thiago d'Almeida, prof. dr.

nome do Governo; e dr. Alfredo de Magalhães, secretario geral, que provocou largo entusiasmo na assembleia com a leitura de um officio em que o Club Fenianos participava ao congresso tomar a iniciativa da construcção d'um sanatorio maritimo para tubercules chirurgicas na praia da Aguda.

No fim d'esta sessão, procedeu-se á abertura da exposição de hygiene, que occupava a galeria do Palacio da Bolsa e todo o mercado Ferreira Borges. Este numero do programma, cuja rea-



PRAÇA DE D. PEDRO

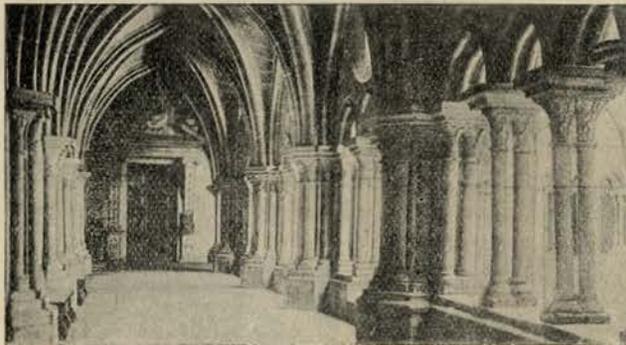
Daniel de Mattos, dr. Antonio de Lencastre, dr. Lopo de Carvalho, dr. Ricardo Jorge, dr. Silva Carvalho, dr. Zeferino Falcão, dr. Pedro Do-

ria Nazareth, dr. Curry Cabral, dr. Moraes Caldas, dr. Costa Saccadura, dr. Olimpio Cagigal, dr. Antonio Maria Diniz de Sampaio, dr. Estevam de Vasconcellos, prof. José Cid, dr. Alfredo Luiz Lopes, prof. Antonio de Padua, dr. Candido da Cruz, dr. Guilherme Ennes, dr. Xavier da Costa e dr. Amandio Paul; e a *especial*, cuja mesa se compunha dos srs. drs. Tito Fontes, Costa Saccadura e Lopes Manita e teve por presidentes de honra os srs. dr. Ladislau Piçarra, dr. Adolfo Coelho, prof. Alves dos Santos, dr. Sanches de Moraes, dr. Aleixo Guerra, dr. Nogueira Lobo, dr. Bartolomeu Ferreira, dr. Costa Ferreira e dr. Almeida Dias. Na primeira debatiam-se todas as questões que interessassem ao congresso, enquanto que na segunda se ventilava apenas este assumpto: *A Tuberculose e a Escola*.

Nas diversas sessões da secção geral do



JARDIM DA CORDOARIA



CLAUSTRO DA SE



PRAÇA DA BATALHA

congresso foram apresentados os seguintes relatorios e communações: *Federação das Associações de Socorros Mutuos na lucta contra a tuberculose*, pelo sr. dr. Miguel Bombarda, lente da Escola Medica de Lisboa; *influençia do meio social no desenvolvimento da tuberculose*, pelo dr. Estevam de Vasconcellos, clinico em Villa Real de Santo Antonio; *a tuberculose nas classes ricas*, pelo dr. D. Antonio de Lencastre, clinico em Lisboa; *indices thoracicos nos tuberculosos*, pelo sr. dr. Lopo de Carvalho, facultativo na Guarda;

do dualismo na tuberculose, pelo sr. Charles Lepierre, director do laboratorio de bacteriologia de Coimbra; *estado actual da questão da immunidade*, pelo sr. dr. Angelo da Fonseca, lente da Universidade; *como deve ser estabelecido entre nós o problema da lucta contra a tuberculose*, pelo sr. dr. Reis Santos, clinico lisbonense; *tuberculosos profissionais*, pelo sr. dr. Fernando de Mattos Chaves, de Lisboa; a

iniciativa particular na lucta contra a tuberculose, pelo sr. dr. Antonio de Azevedo, de Lisboa; *um caso curioso de longevidade humana*, pe-

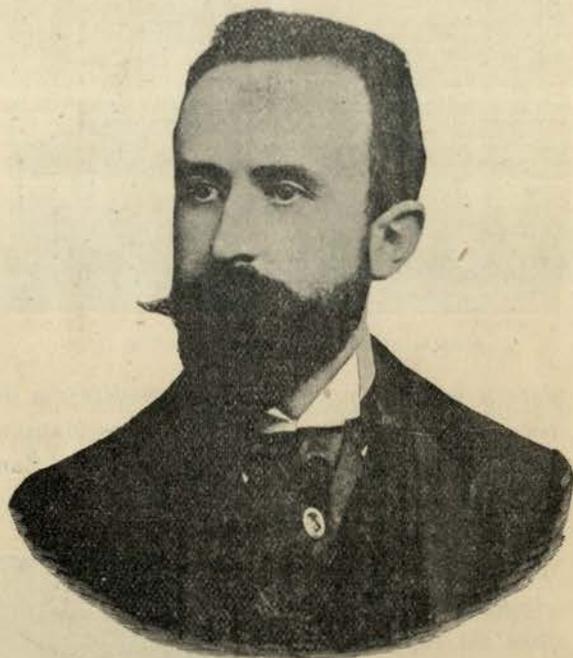


PROF. DANIEL DE MATTOS
Secretario geral do terceiro Congresso

Vasconcellos, director da colonia penal agricola de Villa Fernando; *quantos tuberculosos ha no paiz: o erithema nodoso é uma tuberculide: assumptos dignos de estudo para futuros congressos*, pelo sr. dr. Silva Carvalho, de Lisboa; *a mulher na lucta contra a*

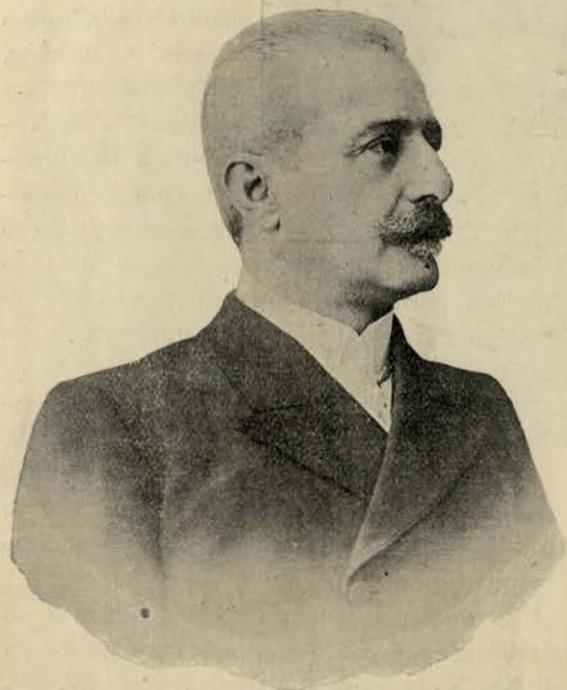
lo sr. dr. Eduardo de Abreu, d'Amare; *a tuberculose nas prisões*, pelo sr. dr. Luiz Viagas, lente da Escola Medica do Porto; *as cadeias e a saude publica*, pelo sr. dr. Ernesto de

Na secção especial discutiram-se os seguintes: *O regime apropriado aos alumnos*



DR. SILVA CARVALHO

predispostos, pelo dr. Nogueira Lobo, de Coimbra; *condições hygienicas dos estabelecimentos escolares*, pelo dr. Aleixo Guerra, do Porto; *leitura e escripta em relação ás attitudes viciosas*, pelo dr. Bettencourt Ferreira; *a escripta*



PROF. MIGUEL BOMBARDA
Secretario geral do primeiro Congresso

tuberculose, pelos srs. drs. Sobral Cid, lente da Universidade e Candido da Cruz, de Ponte do Lima.



PROF. THIAGO D'ALMEIDA
Secretario geral do segundo Congresso

direita e a escripta inclinada, pelo dr. Costa Saccadura, de Lisboa; *hygiene ocular nas escolas*, pelo dr. Mario Moutinho; *em que idade*



EGREJAS DOS EXTINGTOS CARMELITAS E DO CARMO

deve a creança principiar a aprendizagem da leitura e da escripta, pelo dr. Lopes Manita; *horarios e programmas escolares*, pelo dr. Sanches de Moraes, de Coimbra; *horarios da escola primaria*, pelo dr. Pereira Barata; *vigilancia do alumno fora da escola*, pelo dr. Alves dos Santos, lente de Theologia da universidade; *papel do medico escolar*, pelo dr. Reinaldo dos Santos; *limpeza e desinfeção das Escolas*, pelo dr. Guilherme Ennes, de Lisboa; *anthropometria escolar*, pelo dr. Cesar Ferreira, de Lisboa; *o ensino da hygiene na escola primaria*, pelo dr. Ladislau Piçarra; *caderneta sanitaria individual*, pelos drs. Almeida Dias e Pacheco de Miranda; *hygiene e educação*, pelo



RUA DOS CLERIGOS

dr. Adolpho Coelho, lente do Curso Superior de Letras.

Alem do que fica exposto, que representa já uma somma de fatigantes trabalhos, realizaram-se ainda conferencias clinicas no Dispensario da Assistencia, pelos snrs. drs. Silva Carvalho e



UM ASPECTO DO BARREDO



JARDIM DO PASSEIO ALEGRE

Tito Fontes, e outra no palacio da Bolsa, pelo snr. dr. Roberto Frias, lente da Escola Medica do Porto.

No sabbado de manhã realizou-se o passeio a Leixões, em visita ao posto da desinfeção, seguindo uns congressistas em carros ele-

tricos, e outros em vapores da Associação Commercial. Infelizmente, o estado do tempo não permittiu que essa diversão scientifica se revestisse do brilho que era de esperar.

Tambem no domingo de manhã um grande grupo de congressistas visitou os bairros operarios construidos no Monte Pedral, por iniciativa do *Commercio do Porto*, sendo todos unanimes em elogiar aquella philantropica obra.

A sessão do encerramento realizou-se na noite de segunda-feira, no salão nobre da Bolsa. Nella tomaram a palavra os snrs. drs. Miguel Bombarda, em nome da Liga Nacional, da Academia Real das Sciencias, da Escola Medica e da Academia de Estudos Livres de Lisboa; Alfredo de Magalhães, pelo Comité; Thiago de Almeida, pelo Nucleo de



DR. JOSÉ P. SALGADO
Vogal do Comité



DR. CARLOS DE LEMOS
Vogal do Comité



DR. NOGUEIRA GONÇALVES
Vogal do Comité



DR. ALVARO PIMENTA
Vogal do Comité

Vianna do Castello; Xavier da Costa, pela Associação dos Medicos Portuguezes; Zeferrino Falcão, pela Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa; Luiz Viegas, pela Escola Medica do Porto; dr. Daniel de Mattos, pela Universidade de Coimbra; e dr. Costa Saccadura, pela Direcção Geral de Instrucção Publica.

E com esta brilhante festa, que deixou fundas impressões na alma de quantos a ella assistiram, se encerraram os trabalhos do Congresso.

referir-nos apenas ao sarau de gala, ao concerto, e ao cortejo girondino.

O SARAU DE GALA

Realizou-se no Theatro de S. João, na noite de 4 do corrente.

O amplo salão encheu-se litteralmente.

«A *élite* e o bom tom — diz um collega nosso — estavam lá, dando ao theatro o aspecto deslumbrante das grandes solemnidades. A decoração muito graciosa e simples, — plan-



DR. CARLOS A. DA ROCHA
Vogal do Comité



DR. RAUL OUTEIRO
Vogal do Comité



DR. COSTA SACCADURA



PROF. JOSÉ SOBRAL CID

AS DIVERSÕES

Não permittiu a feia catadura do tempo que se realizasse todo o programma de diversões que o comité organizador do congresso e o Club dos Girondinos haviam traçado.

Assim, a tourada á antiga portugueza e a batalha de flores, que este club promovia, não puderam effectuar-se. Temos portanto de

tas ornamentaes na ribalta, grinaldas lindamente enlaçadas nos candelabros, ramos esparços aqui e além no parapeito dos camarotes, ricas colgaduras artisticamente dispostas na 2.^a ordem. E pondo realce e lustre a tudo isto, a fina flôr das damas portuenses, accrescentada com tantos rostinhos lindos que aportaram aqui de todos os recantos da terra portugueza. Era bello de vêr, d'admirar, sem tempo de fixar-se nas elegantissimas «toilet-



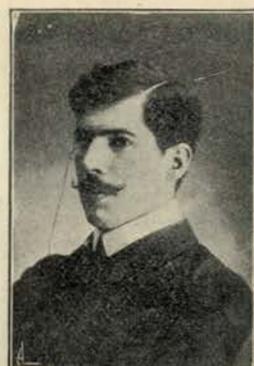
DR. CHARLES LEPIERRE



DR. D. ANTONIO DE LENCASTRE



DR. ERNESTO DE VASCONCELLOS



DR. JORGE CID

tes» que luziam nos camarotes e na plateia».

Foi a companhia de D. Maria 2.^a, vinda ao Porto expressamente para isso, quem se encarregou de preencher o espectáculo, repre-

pela primeira vez, e que agradou extraordinariamente. No desempenho, muito correcto, sobressahiram Ferreira da Silva, Pinto Campos e Anna Pereira, que disseram os seus papeis com maestria inexcédível.



PROF. ANGELO DA FONSECA



PROF. ROBERTO FRIAS

sentando a peça do sr. dr. Augusto de Castro — *Amor á antiga*, — levada á scena no Porto

O CONCERTO

que na noite de domingo se realizou no salão nobre da Bolsa, em seguida á bella conferencia do sr. dr. Roberto Frias, constituiu um dos numeros mais brilhantes do programma.

O formoso salão arabe transbordava de luz e côres. Os raios luminosos que jorravam de innumeros candelabros electricos punham scintillações feéricas nos arabescos dourados do sumptuoso salão. Os cavalheiros rigorosamente trajados de casaca, e as



DR. REIS SANTOS



DR. LADISLAU PIÇARRA

damas com formosas toilettes decotadas, contribuíram para dar á festa um tom de grande realce e distincção.

Tomaram parte no concerto as distinctas amadoras D. Leonilda Moreira de Sá e D. Luiza da Fonseca Mourão, e os srs. Bernardo Moreira de Sá, Henrique Carneiro, José Gouveia e Luiz Costa, que se houveram brilhantemente.

O CORTEJO GIRONDINO

Sahiu, na tarde d'esse mesmo dia, do Palacio de Crystal, dando o lugar de honra aos carros e grupos que o Club Fenianos lhe resolvera incorporar.

O programma, feito em versos alexandrinos, que essa manhã fôra distribuido pela cidade e publicado na imprensa, cumpriu-se integralmente, excepção feita de um ou outro detalhe de somenos importancia, cuja realização a chuva dos dias anteriores não permittiu se obtivesse.

É de justiça dizer-se que o magestoso cortejo despertou grande enthusiasmo no publico, não só pelo luxo de algumas equipagens e grupos, mas tambem pelo fino espirito que em muitos d'elles se revelava.

Eis, o mais succintamente possivel, a sua descripção :

Á frente seis soldados de cavallaria da guarda municipal.

Seguidamente a guarda avançada do Club Fenianos, constituida pelos srs. Elisio Mello, Ma-

reira, Carlos Lopes, Eduardo Lopes, Severim Brito e Armando Cardoso. Estes cavalheiros trajavam «frak» verde e chapéu de seda.

Logo após seguia o grupo dos clarins e vencedores romanos com os seus vistosos costumes, e depois o *Carro triumphal*



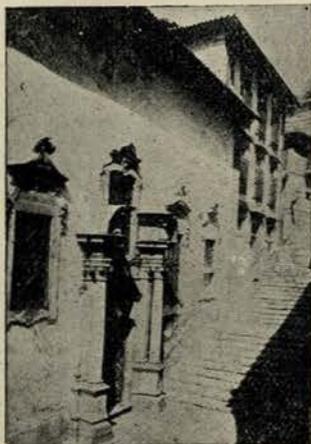
UMA RUA DO BARREDO

romano dos Fenianos todo a vermelho e ouro, onde ia um homem vestindo á maneira dos triumphadores das corridas de Roma e empunhando o estandarte do Club Fenianos; era tirado por 4 cavallos, atrelados e arreados á romana, e precedido por homens com trajas orientaes, que tocavam em largas trombetas.

Em seguida o *Carro dos Empregados do Commercio* pompeava, no seu impressionante conjuncto.

A banda do Club, com sua guarda farda, seguia a este carro e

logo depois o *Carro do Porto* a grandiosa obra d'arte de José Teixeira Lopes, era tirado por



FRONTARIA DO RECOLHIMENTO DE FERRO NAS ESCADAS DO CODEÇAL



UMA CASA DO BARREDO



COSME DO CARMO CARDOSO
Quintanista de medicina
Vogal do Comité



HENRIQUE GOMES D'ARAÚJO
Quintanista de medicina
Vogal do Comité

nuel Alves, Serafim Bastos, Araujo Lima, Antonio Duarte, Joaquim Montes, Dias Pe-

possantes juntas de bois, guiadas por esbeltas moças trajando á viannense. Os animaes



PALACIO DA BOLSA DO PORTO — ESCADARIA

iam cobertos por xaireis riquissimos, de magnificos bordados a ouro.

A seguir a estes magestosos carros cavalgava a brilhante guarda d'honra do Saint Graal, constituida por 16 figuras.

Era depois tirado por duas parelhas o riquissimo coche da direcção do Club Fenianos, no qual iam os srs. Ferreira Gonçalves, Silva Cunha, dr. Alvaro de Vasconcellos e barão de Fermil.

Terminava assim a parte do cortejo em que collaborava o Club Fenianos, para dar começo á parte organizada pelos Girondinos.

Esta segunda parte do cortejo abria por um grupo de clarins a cavallo com costumes vistosos e seguia-se-lhe a guarda avançada, constituida por 9 cavalleiros que eram os snrs. José Leite de Vasconcellos, Antonio Julio da Costa, Manoel José de Paiva, Antonio Pereira da Silva, Joaquim Torres, José d'Abreu, Alberto Ramires, Lourenço Braga e Freitas Castro.

A esta guarda avançada seguia-se a banda do Club dos Girondinos com trajes de fantasia, e depois um grupo de dois arautos, e logo o *Carro de honra dos Girondinos*, que representava uma fortificação da cidade, do tempo medieval. Destacava-se á frente um pequeno pavilhão, estilo manuelino, sobre umas escadas, e uma cabrea. Depois o pavilhão central, especie de panteon,



DR. ALBINÓ GUERRA

ADRIANO FONTES
Quintanista de medicina
Vogal do Comité

fornado a seda azul. Dentro, numa elegante e luxuosa cadeira, sentava-se a menina Conceição Figueiredo, simbolizando o Porto, tendo ao lado a menina Olivia Coutinho Amador, sua aia. Iam também dois lindos pagens, vestindo trajes de setim azul e branco, e que eram os meninos Heitor e Germano de Campos Monteiro. Na parte posterior do carro havia ainda um outro pavilhão, estilo manuelino, em que iam os srs. Ricardo Figueiredo e Henrique Coutinho, vestidos de comerciante e marinheiro do século XVI.

Cavalgava atrás a guarda d'honra a este carro, constituída por doze cavalleiros ostentando vistosos costumes manuelinos.

Seguia-se o *Carro do pão falsificado*. A base era formada em toda a volta, de maneira a cobrir o roda-



PALACIO DA BOLSA DO PORTO — ATRIO

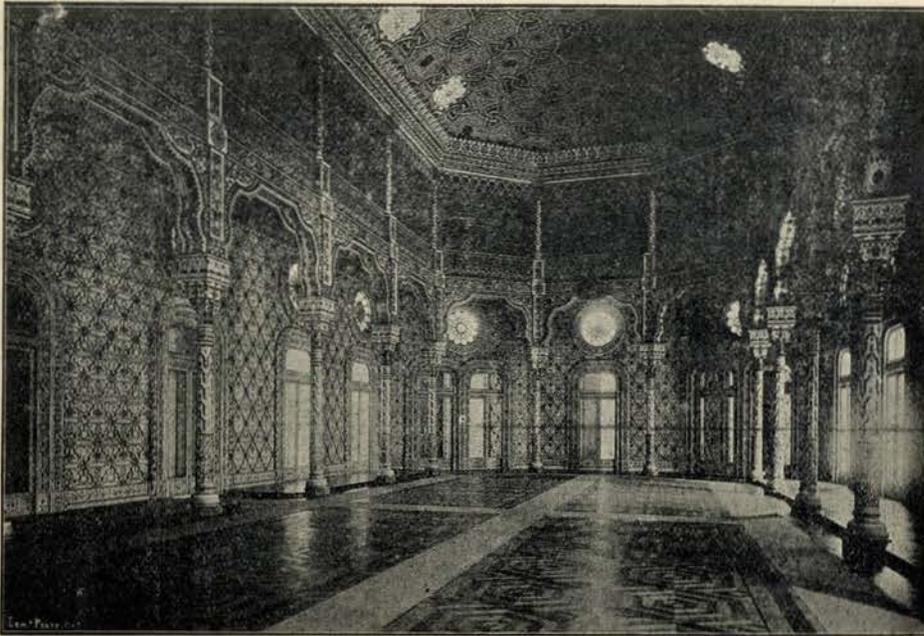


DR. GUILHERME ENNES



DR. ALFREDO LUIZ LOPES

do, por palha da qual sobresaíam flores campestres e o distico «O pão nosso de cada dia». Sobre o tablado do carro havia uma masseira com ratos, ratazanas e reptis a trepar. Á masseira encostavam-se saccas com dizeres: «Serim». Na extremidade posterior erguia-se um forno com a respectiva chaminé, a que se encostava um cofre. Pelo forno subiam e desciam ratos. Nesse forno estavam penduradas regueifas e boroas. Nas trazeiras do forno lia-se em grandes caracteres: «O pão que o



PALACIO DA BOLSA DO PORTO — SALÃO ARABE

diabo amassou», e viam-se ainda ratazanas enormes subindo até á chaminé.

Esta ornamentação completava-se com 6 homens amassando a farinha durante o trajecto, o forneiro mettendo a pá com massa no forno e retirando saccos com dinheiro que outra figura, o dono da padaria, metia no cofre.

Seguia-se a este carro um grupo de doze gentis padeiras, vestidas com trajes de Avintes, levando uma canastra á cabeça, e distribuindo versos allusivos muito engraçados; indo depois o *Carro da falsificação do vinho*.



PALACIO DA BOLSA

PAVILHÃO NO L. DO INFANTE D. HENRIQUE
Onde está installada uma parte da Exposição de Hygiene

Na base d'este carro lia-se: «O vinho que o Diabo amassou». O taboado dividia-se em tres partes. Para a frente a zona limpa, formada por um caramanchão coberto por uma latada.

Ao centro, entre grades fechadas com grandes aloquetes, uma especie de adega, a meio da qual se via uma dorna encimada por um monumental martel-

lo. Este espaço era adornado ainda por quatro enormes garrafas com disticos de drogas varias e cestos de vime com baga. De cada um dos lados viam-se taboetas: «Muita baga e pouca uva». Na parte posterior do carro ficava a zona suja com uma latada filoxerada e varios cestos de vime encostados.

No carro iam duas formosas lavradeiras, e dois trabalhadores falsificando vinho. Seguiam atrás doze aguadeiros.

Depois via-se o *Carro da Emancipação feminina*, representando o interior d'uma casa, em cuja parede havia uma janella de peitoril a que se encostava um fogão.



DR. ANTONIO D'AZEVEDO

Na casa havia uma machina de costura, uma mesa de brunir, com respectivo ferro a vapor, e no fogão um fogareiro, sobre o qual se via uma pannela e outros petrechos de cozinha, e junto uma celha de lavar com varios artigos de vestuario.

Na rectaguarda da casa uma especie de terraço. Neste terraço, illuminado por um candieiro de illumination publica, havia uma mesa sobre a qual varias senhoras escreviam, cadeiras de encosto em que outras se refestelavam lendo, e um banco em que se assentavam duas estudantas.

No interior da casa, homens, de roupão, cosendo á machina, passando a ferro, lavando roupa e abanando ao fogareiro.

Seguia-se a este carro um grupo de doze homens trajando «frack» e cartola, á 1820, levando bonecas ao colo, e depois o *Carro do leite*. Na frente era representado por um poço com um guindaste, sendo o balde substituido por uma enorme teta de vacca. Ao fundo uma

rocha d'onde brotava o leite, de mistura com ratos, sardões, sardoniscas, zangões, etc.

Neste carro um cabo d'ordens e varias leiteiras retiravam do poço o leite com que enchiam os canados.



PROF. L. FREITAS VIEGAS

Atrás d'este carro seguia um rancho de 13 leiteiras com canados á cabeça, ladeadas por 5 cabos d'ordens, cantando todo o trajecto varias quadras

com allusões á falsificação do leite. Depois ia o *Carro do Lyceu*.

Representava um monte, tortuoso. Á fren-



DR. LEITE DE FARIA

te um enorme martello symbolisando o ensino; depois uma gaiola de grillos, dourada, apertada pela cauda extensa de uma hidra. Por todo o carro, — á frente do qual iam duas figuras allusivas, uma á Sociedade e outra á Instrucção, — viam-se diferentes disticos: «Com-



DR. ANTONIO CORLHO



DR. CANDIDO CRUZ

missões de paes, livrae os meninos da grève»; «ventilação especial», etc.

Seguia depois o *Carro da Pampulha*, reclamo á fabrica de bolachas da Pampulha. Era todo formado por latas de bolacha de di-

versas marcas. De um e outro lado pendiam vistosas colchas alemtejanas; e o interior re-



BANQUETE OFFERECIDO NO PALACIO DE CRYSTAL
AO DR. REIS SANTOS, POR UM GRUPO DE MEDICOS DO PORTO

presentava uma sala de jantar decorada com simplicidade.

Seguia-se um automovel formando um caramanchão florido e adornado com um macisso de palmas, verdura e flôres.

Depois o *Carro da Ilha dos*



ALFREDO LEITE ROSAS
Director do Club dos Girondinos
e secretario da Comissão dos Festejos

erguia-se uma ilha com um bonito caramanchão em que iam sentadas cinco galantes



MANOEL PINTO DA FONSECA
Presidente do Club dos Fenianos

Amores, representando um lago em que nadava um cisne branco; a meio

creanças bellamente vestidas. Eram os meninos Olindo, Fernando e Maria Judith Moreira, Maria Adelaide e Francelina Lima.

Seguia o *Carro do Sanatorio da Mama-deira*. Este carro representava dois pavimentos de uma galleria de sanatorio. Os varandins do primeiro pavimento eram formados por cartas de jogar, indo ao centro uma mesa de ro-

leta circundada de «pontos» e banqueiros, similhando «touristes». Os varandins do 2.º pavimento eram formados por imitações de libras sterlinas, e á frente uma enorme decoração da Ordem de Christo. Neste pavimento sentavam-se varios «touristes», homens e mulheres. O tejadilho d'esse pavimento, adornado por luvas de varias côres, tinha á frente



ANTONIO JULIO DA COSTA
Vice-presidente
do Club dos Girondinos



GUILHERME CORREIA COSTA
Thesoureiro
do Club dos Girondinos

uma luva enorme, e atrás uma imitação de bolsa de prata, volta-

da, e tendo na orla: «No ultimo grau».

Ia depois uma «charrete» lindamente or-



JOSÉ FERREIRA GONÇALVES
Vice-presidente do Club Fenianos

namenta-
da de azul
e branco
como re-
clamo às
Aguas de
Monte Ban-
zão, levan-
do dentro
uma vian-
nense.

Seguia
um auto-
movel bel-
lamente
adornado
com glici-
nias e em
forma de



CARRO D'HONRA DO CLUB DOS GIRONDINOS

gondola, guiado pelo snr. Arriaga Nunes em travesti de senhora. Seguia-se uma banda de musica vistosamente vestida, vendo-se depois o *Carro d'honra ao Congresso*, de muito effeito e belleza. D'um monte de fantasia erguia-se uma palmeira a que se enroscava uma serpente, cuja cabeça ia beber numa taça. Espalhavam-se pelo monte diversas pastas com os titulos das differentes cadeiras do curso medico. Ao fundo, sobre um cavalete, estava um enorme livro aberto, lendo-se em uma das paginas: «Ad Augusta per Augusta», e na outra «Salvé, Sciencia! O Club dos Girondinos vos sauda». Nas capas d'este livro estava escripto: Na do frontespicio «IV Congresso Nacional Contra a Tuberculose» e na das costas: «Na ci-



CARRO DA FALSIFICAÇÃO DO LEITE

dade do
Porto em
1907».

A este bello carro seguia um automovel enfeitado de glicinias e verdura, e por fim o *Carro da Caridade*, cujo fundo era formado por sa-

nefas de seda azul e a armação de madeira a branco e ouro. Este carro representava uma gondola navegando sobre um mar de flôres. A prôa da gondola era adornada por dois anjos segurando em uma das mãos uma grinalda de flôres e em outra um escudo com o distico: «Somos uteis mesmo brincando».



CARRO DO PÃO FALSIFICADO



CARRO DO FUTURO OU DA EMANCIPAÇÃO FEMININA

A pôpa era rematada por uma concha enorme de prata, d'onde saía uma figura distincta e ricamente vestida de seda branca bordada e grande manto de velludo carmezim.

Essa figura, a sr.^a D. Edith Jones, segurava numa das mãos uma saquinha de velludo, e na outra um estandarte de seda branca com o dizer: «Dai aos pobres tuberculosos». O costado da pôpa da gondola, cujo fundo era de tiras de seda azul e branca, rematava por dois anjos e um macisso de flôres.

A ladear este carro iam varios membros do Club dos Girondinos, estendendo para o publico os saccoes de velludo que seguravam, colhendo nelles os do-nativos que despejavam dentro da



SEQUITO DO CARRO DO FUTURO



CARRO DA FABRICA DE BOLACHAS DA PAMPULHA — DE EDUARDO COSTA

gondola. Seguia-se a banda dos internos do Estabelecimento do Barão da Nova Cintra, depois varios trens com socios do Club dos Girondinos, e por fim um carro de munições de fogos de bengala com muitos diabretes a cercal-o.

Fechava o prestito uma patrulha de oito soldados da guarda municipal.

O espirituosissimo e sumptuoso cortejo, que percorreu todo o itinerario annunciado, recolhendo ao Club já de noite, fez larga colheita de applausos durante o demorado desfile, e constituiu mais um titulo de gloria para os dois Clubs que se encarregaram da sua organização.

De alguns dos carros eram lançados à multidão versos allusivos, chistosos uns, solemnes outros, conforme a natureza do carro o exigia.

Ao acaso transcrevemos alguns d'esses versos:

Do Carro da Caridade

Em seu carro triumphal, a Caridade solemne e grandiosa agora passa, sorrindo aos tristes filhos da desgraça que vivem em perpétua escuridade.

Entre os brados febrís da mocidade, tomba-lhe do regaço a esmola escassa que ha de adoçar a magua que trespassa o seio da Viuvez e da Orphandade.

Senhoras, que mudaes com um sorriso
este val de tortura em paraizo!
Cavalheiros que rides e gosaes!

Recordae-vos dos pobres entrevados!
Dae-nos esmola para os desgraçados,
que quanto derdes ao Senhor o daes!



Do «Carro do Leite»

Fervidinho deve ser
Todo o leite natural,
Para se poder beber
Sem que nos faça algum mal.



CARRO DA CARIDADE



AUTOMOVEL ARMADO EM GONDOLA
APRESENTADO PELO SNR. MANOEL ARRIAGA NUNES

O leite que vem á praça
É feito com requesito.
Sem vislumbres de chalaça
Com um liquido exquisito.

Com farinha e com cal fina,
Para dar a bella côr!!!
Uma *mixórdia divina*
Feita com arte e amor.

E não tem p'rigio ingente
Do *leitinho* verdadeiro
Derranca muito mais gente
Mas não é *tuberculeiro*.

Tal é a boa theoria
Que a sciencia nos ensina,
Quando com toda a energia
Sobre tal nos vaticina!...

Mas, nós, famosas leiteiras,
Que em tal somos sabichonas,
Affirmamos, altaneiras,
Que isso não passa de *chonas*.

E é preciso que o entenda
O povinho apalermado
Que o que trazemos á venda
Não está tuberc'lizado.

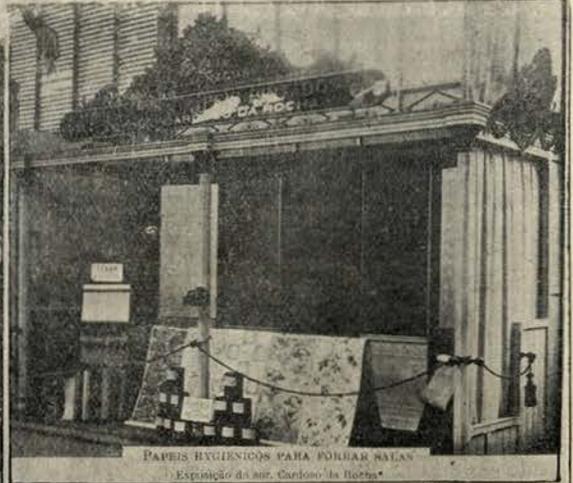


CARRO DO SANATORIO DA MAMADEIRA

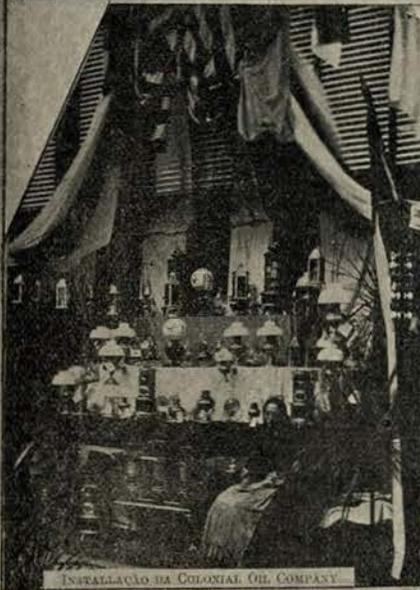
ASPECTOS DA EXPOSIÇÃO DE HIGIENE



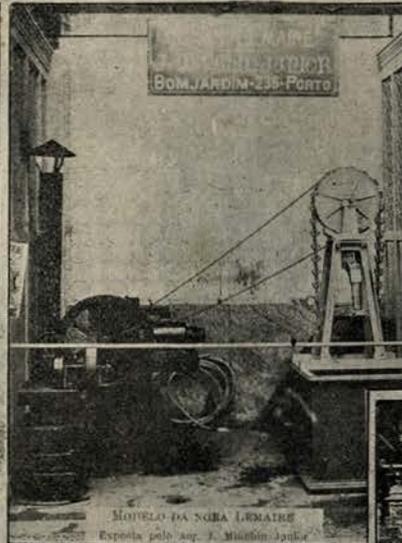
QUARTO DE BANHO — W. C. — COZINHA
Exposição do sr. Xavier Estreito



PAPÉIS HIGIENOS PARA FOLHAS BANAS
Exposição do sr. Cardoso da Barra



INSTALAÇÃO DA COLONIAL OIL COMPANY



MODELO DA NGRA LEMAITRE
Exposta pelo sr. J. M. M. Aguiar



INSTALAÇÃO DA OFFICINA DE FIGUREIRO DE
ANTONIO LUIZ RIBEIRO



Mostra dos vidros e azulejos
da Fábrica Vidreira dos Lavradores do Uffiz. I.

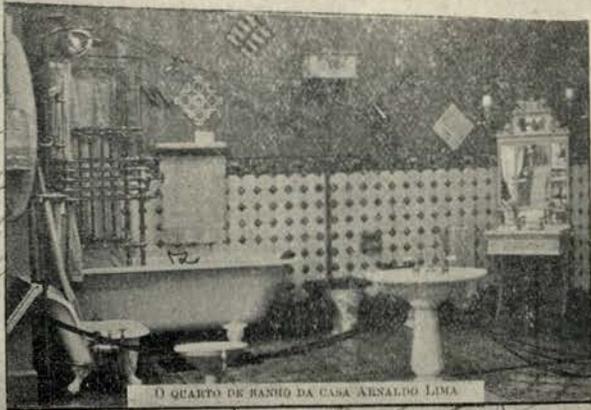


Mostra da Empresa Cerâmica Portulense

ASPECTOS DA EXPOSIÇÃO DE HIGIENE



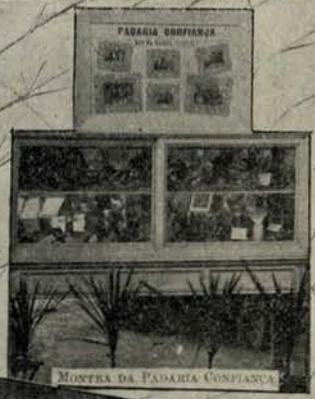
A INSTALAÇÃO DA COLOMBARIA CARNEIRO
Modelo para quarto todo em ferro



O QUARTO DE BANHO DA CASA ARNALDO LIMA



INSTALAÇÃO DA EMPRESA DAS OBRAS DO SANEAMENTO
Modelo das instalações para o porto de Porto ligadas aos novos canais de escoamento



MONTE DA PADARIA CONFIANÇA



INSTALAÇÃO DA BRASILEIRA
Casa vendidora de café do Brasil



MODELO DE CAMAS PARA DOENTES DA CASA VIRIBIA & SILVA



Soleiro, Montenegro & C.
Depositaros da Marinha Agulha,
na Quinta de Inhamit - Belem



INSTALAÇÃO DOS Irmãos ANTONIO DO NASCIMENTO, FILHOS
Elegante modelo de sala brasileira



INSTALAÇÃO DA CASA DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
BRAGA & PIKA

ASPECTOS DA EXPOSIÇÃO DE HIGIENE



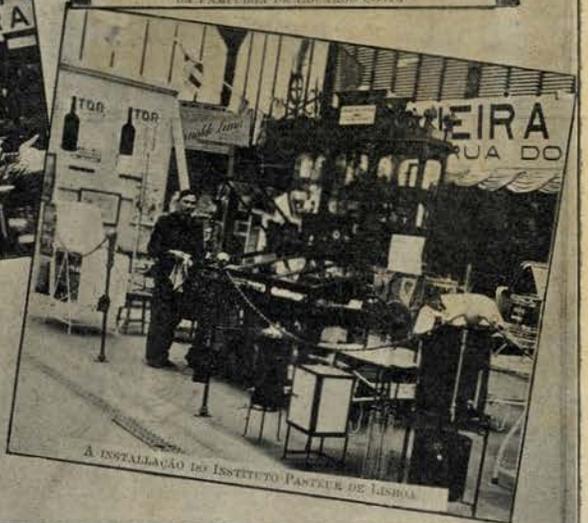
INSTALAÇÃO DA CASA SARDINHA
Cabinets de Cerveja - Modelos higienicos



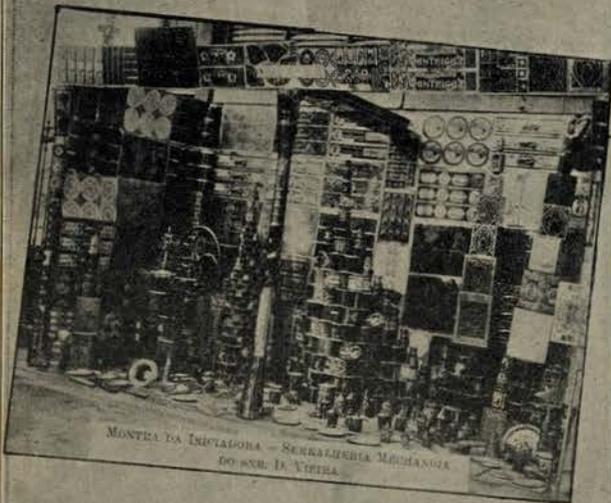
UM ASPECTO DA INSTALAÇÃO DA FABRICA DE BOLACHAS
DA PAMPULHA DE EDUARDO COSTA



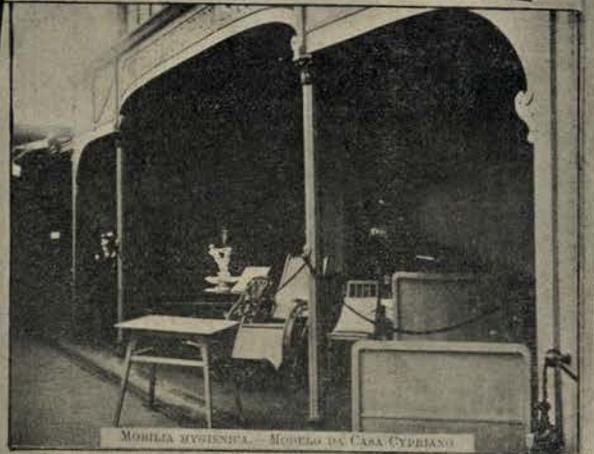
ASPECTO GERAL DE UMA DAS INSTALAÇÕES
DO SR. J. MISCHI JUNIOR



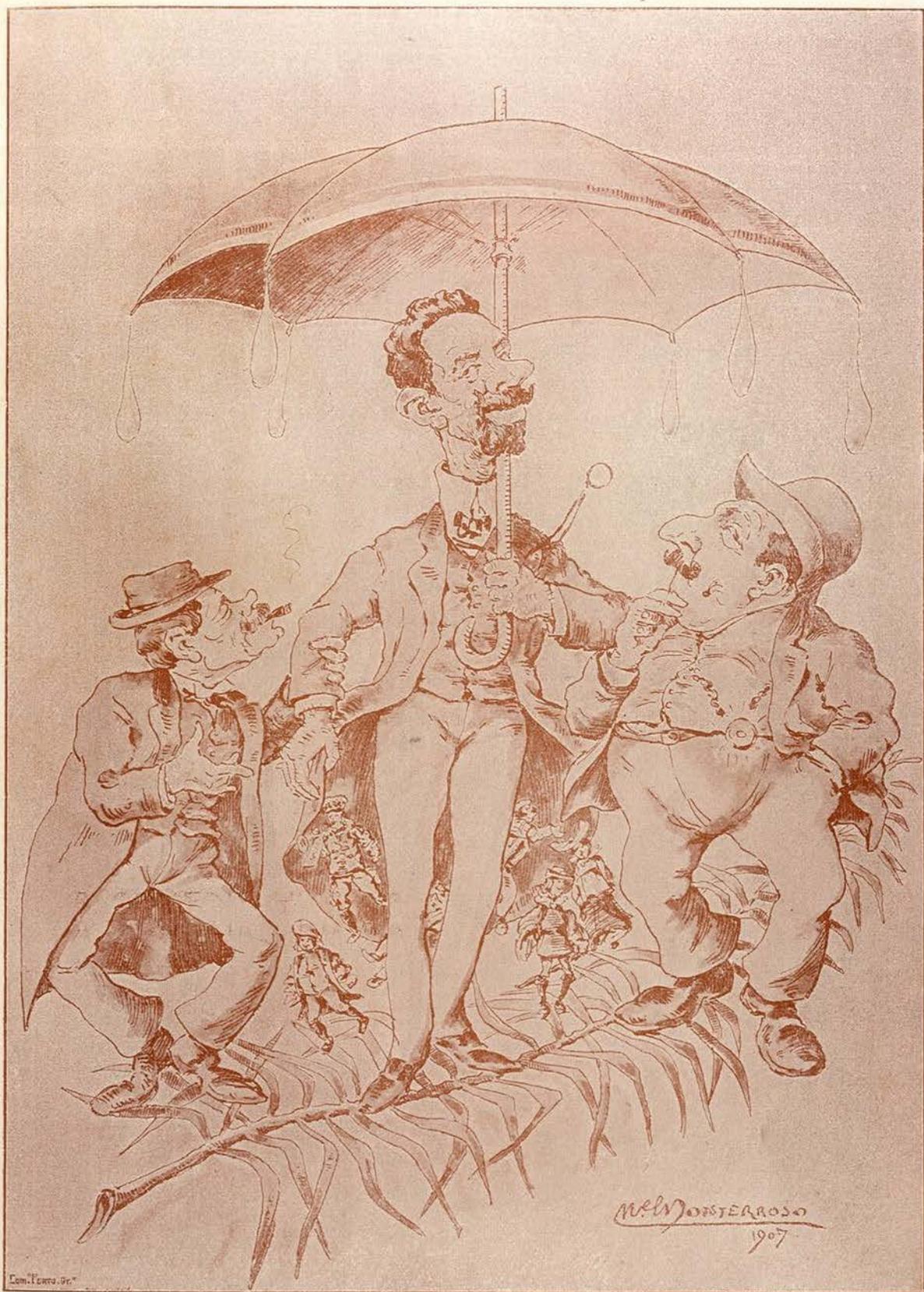
A INSTALAÇÃO DO INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA



MONTE DA INICIADORA - SERRALHERIA MECANICA
DO SR. D. VIEIRA



MOBILIA HIGIENICA - MODELO DA CASA CYPRIANO



— Os tres girondinos martyres... do progresso!



CAMPOS MONTEIRO

(A proposito do 4.º Congresso contra a Tuberculose e da inauguração do Sanatorio SOUZA MARTINS)

FIGURAS:

UM VELHO
UM ZAGAL
UMA PASTORA

A scena representa um trecho de serra. À esquerda, uma cabana tosca, de colmo e ramos, abrigada apenas do fundo. Sobre palha estendida no chão, dorme o ZAGAL vestido: grossa camisa de linho e collete de pelle de cabra. Dois môchos toscos e uma marmitta constituem a unica mobilia. Ao subir o panno, a scena está ainda escura, mas vae-se illuminando pouco a pouco. Rompe a manhã.

A PASTORA, *vem do fundo e aproxima-se da choupana.*

Dorme ainda! E já nos cumes
bate o clarão da alvorada...
Um a um, somem-se os lumes
da abóbada constellada...
Do bom sol o disco enorme
vem despertar todo o mundo...
E este preguiçoso dorme,
immerso em somno profundo!

(*accordando-o*)

Então?

O ZAGAL, *despertando*:

És tu?

A PASTORA

Mas que extranha
pergunta! Quem poderia
ser senão eu?

O ZAGAL

Assim bella,
loira e gentil... Tens razão.
Só a fada da montanha,

ou mesmo a Virgem Maria,
que viesse, ao romper do dia,
despertar-me...

A PASTORA, *apontando*:

Eis o clarão
do sol. São horas! — Tamanho
somno dormiste! Entretanto,
pela quebrada, o rebanho
vae despertando, a balir.
Chamam as mães os filhinhos
p'ra almoçar... e os cordeirinhos
vão roendo os rosmaninhos
e as boninas a florir.
Tudo serve... folhas... ramos...
Não ha relva que lhes baste...

(*outro tom*)

E nós? — Nós não almoçamos?

O ZAGAL

Ainda não almoçaste?

A PASTORA

Como tu és meu amigo!
D'essa maneira se acolhe
quem vinha almoçar contigo?

O ZAGAL

Obrigado.

(Pegando na marmita)

Toma. Escolhe
a ovelha mais delicada,
de mais alva e nivea cor,
ordenha-a com todo o amor,
e volta breve.

A PASTORA

Mais nada?

O ZAGAL

Ha pão.

A PASTORA

Centeio?

O ZAGAL

Do escuro.
Verás. É mesmo um deleite.
Já estará um pouco duro,
mas amollece no leite.
Vae!

(A Pastora sae, com a marmita. O Zagal senta-se, olhando para longe:)

Como o sol vem subindo!
Inda ha pouco um quasi-nada,
e agora já grande... E lindo!
Parece um balão, surgindo
por detrás da cumiada.
Ao seu reflexo vermelho,
toda a serra empurpurece,
e o rio, em baixo, parece,
todo brunido, um espelho!
Dos casalitos da encosta
o fumo sobe no ar.
O mosteiro lá negreja,
e o campanario da igreja
começa agora a tocar.
De pampilhos todo cheio,
como um tapete amarello,
estende-se o valle, a meio.
Que formoso quadro! Eu creio
que não ha outro mais bello!...

A PASTORA, *voltando*

Prompto!

O ZAGAL

Arranjaste?

A PASTORA

Vem quente
ainda... O pão?

O ZAGAL, *tirando-o do bernal:*

Eil-o.

A PASTORA, *desfazendo-o no leite*

Assim?

O bom Deus, creando a gente,
soube ser pae.

(Sentam-se a almoçar, comendo ambos, com colheres de pau, da mesma marmita.)

Porque, emfim,
podia ter-nos lançado
na terra, sem protecção,
sem luz... sem ar... Porém, não.
Cheio de santo cuidado,
fez o homem proprietario
de tudo que é necessario
p'ra viver, fugir aos males,
morrer em paz... Os carneiros
dão-lhe o vestido...

O ZAGAL

Nos valles
cresce o pão que o alimenta...

A PASTORA

Dos rochedos altaneiros
cae, em borbotões palreiros,
a agua que o dessedenta...
Louvado seja! .

O ZAGAL

Louvado
seja p'ra sempre!...

(Outro tom)

Que tal?

A PASTORA

Delicioso! Com certeza
não ha pessoa real
que tenha na sua mesa

almoço tão delicado.
Pão gostoso... leite cru!...
Que mais desejara eu ?

(Pausa. Continuam comendo. O Zagal contempla-a demorada e enternecidamente, e pergunta afinal:)

O ZAGAL

Quantos annos tinhas tu
quando tua mãe morreu ?

A PASTORA

Cinco. Era assim, d'esta altura.
Quando a vieram buscar,
fui-me trás d'ella a chorar,
cheia de dor e amargura.
Meu pae nunca o conheci,
ha muito que era enterrado.
Nem sabes o que eu soffri!...

(Pousando a marmita)

Ao menos, tu, engeitado,
sem conhecer pae nem mãe,
tiveste esse grande bem
de não os veres morrer.

O ZAGAL

Peor foi a minha sorte!
Mais doloroso que a morte
de uma mãe, é não a ter.
Sentir-se a gente no mundo
sósinho, sem um amor,
é d'um pesar tão profundo,
que não ha outro maior.
Tu ao menos, em creança,
tiveste afagos aos mil,
e no teu berço infantil
raiou o luar da esp'rança.
Foi tua mãe quem te ensinou
a elevar as mãos aos céos,
e a teu lado ajoelhou
para fallar-te de Deus.
A oração pura e singela
que rezas ao vir do dia
é inda um reflexo d'ella
que em tua alma irradia.
Da vida na estrada infinda
guiou-te os primeiros passos
No teu corpo vibra ainda
o calor dos seus abraços.
Os beijos que ella, coitada,
te dava, a rir e a chorar,
ficaram sempre a cantar
na tua face rosada,
no brilho do teu olhar.

E ao soltar o arranco extremo,
p'ra te adoçar a orphandade
legou-te esse bem supremo
que se chama saúde!

(Pausa)

Eu... nada tive. Debaixo
do destino que me esmaga,
fui como o triste escalracho
que germina numa fraga.
Mal nasci, vi-me sósinho,
sem beijos de pae nem mãe!
Então, não tive um carinho...
Hoje, não tenho ninguém...

A PASTORA, *um pouco despeitada*

Tens-me a mim !

O ZAGAL, *apertando-lhe as mãos*

Sim, obrigado !

A PASTORA, *para disfarçar a commoção*

Vamos ! Vae alta a manhã !

O ZAGAL, *continuando*

Deus, ao ver-me abandonado,
não foi tão desnaturado
que me negasse uma irmã !

A PASTORA

Ninguém é só nesta vida.
Nasce, na serra ou no val,
ao pé d'uma margarida
outra margarida igual.
Olha, vês ? Os cordeirinhos,
cujas mães ha um mez morreram,
ficaram sós, coitadinhos...
Nem por isso estremeceram.

O ZAGAL

Afeiçoaram-se ?

A PASTORA

Tanto
que nem podes calcular.
Parece coisa de encanto,
um do outro sempre a par !

O ZAGAL, *enternecido*

Pobresinhos dos cordeiros
Tão novos, e já sem mãe !

A PASTORA

São como dois companheiros
inseparáveis também.
Curtos, felpudos, tão brancos,
parecem gêmeos... O dia
passam-n'ó pelos barrancos,
numa serena harmonia.
Pastam juntinhos no prado ..
juntinhos bebem... E é lindo
vel-os á noite dormindo,
estendidos lado a lado.
Como eram sós sobre o mundo,
uniram-se. Com certeza
nunca um amor tão profundo
foi visto na natureza.
Se um morresse, eu creio bem
que o outro morria após.

O ZAGAL

Coitados! Já não têm mãe,
São irmãos...

A PASTORA

São como nós!...

O ZAGAL

Lá vem subindo a montanha
um mendigo...

A PASTORA

Onde?

O ZAGAL, *apontando*

Acolá.

A PASTORA

Que figura tão estranha!

O ZAGAL

Mas nobre e altiva!

A PASTORA

Será
algum romeiro?

O ZAGAL

Talvez.
Já vem perto. Para cá
dirige os passos, não vês?

A PASTORA

Já tão velho e corcovado,
a barba de nivea cor,
ao seu bordão arrimado,
parece Nosso Senhor
que ao mundo houvesse baixado.

O ZAGAL

Eil-o.

*(Entra um velho, curvado e macilento, mas de
rosto nobre e olhar brilhante. Figura
magestosa. Veste trage antigo, da época de D. Ma-
noel, mas já desbotado e rôto.)*

O ZAGAL E A PASTORA

Salve-vos Deus!

O VELHO

Nosso Senhor vos tenha
em sua guarda.

A PASTORA, *offerecendo-lhe um môcho*

Senhor! sentae-vos. A montanha
é dura de subir. Deveis de vir cançado.

(Pegando na marmita)

Se tendes fome...

O VELHO

Não.

A PASTORA, *insistindo*

Sentae-vos.

O VELHO, *sentando-se*

Obrigado.

A PASTORA

Sois romeiro?

O VELHO

Talvez...

O ZAGAL

E onde ides de romagem?

O VELHO

Aqui.

O ZAGAL

À Serra?

O VELHO

Sim.

O ZAGAL

É aspera a viagem
p'ra a vossa idade...

O VELHO

Não!... Quando o espirito quer,
ao corpo, escravo vil, resta-lhe obedecer.

A PASTORA

Vindes de longe?

O VELHO

Sim... De alem... de uma cidade...
Quatro dias andei.

A PASTORA

Dizei-me: a vossa idade?

O VELHO

Nem me lembra... Hei de ter uns oitocentos annos...

A PASTORA

Jesus! E inda viveis!?

O VELHO

Os rudes desenganos,
os tormentos crueis que me hão alanceado,
não conseguiram inda abater-me.

(Cae em profunda meditação)

A PASTORA

Coitado!

(Para o Zagal)

Que magestoso porte! É velho, e maltrapilho,
mas tem a fronte larga, o olhar cheio de brilho.

O ZAGAL, baixo.

Rosto queimado... a mão nervosa... Tem o ar
de quem foi marinheiro...

(Para o Velho)

Andastes já no mar?

O VELHO, levantando-se, altivamente, e erguendo a
frente, transfigurado

Se andei no mar!... A epoca mais bella,
— a que me deu prazeres mais jocundos —
de toda a minha vida, foi aquella
em que, no convés d'uma caravela,
fui mundo em fóra, a descobrir mais mundos!
Levava á prôa o meu escudo de oiro,
as Quinas sobre o tope a tremular,
e no peito, mais forte do que um toiro,
a fé, e esse valor immorredoiro
que ainda anima a luz do meu olhar.
E ao acaso, sem bússola e sem guia,
aprovei ás regiões orientaes.
Contra mim, céo e mar, como á porfia,
juntaram-se! E eu, impávido, sorria,
mais forte que o trovão e os vendavaes!
Ferido pela inveja e desagrado
de quem não comprehendia a minha ideia,
todo o globo sulquei, de lado a lado...
E sobre o tórvo oceano revoltado
o meu leme escreveu uma epopeia!

(Com amargura:)

Depois... envelheci... cahi doente...
a pouco e pouco as forças me faltaram...
E um bando de chacaes, raivosamente,
arremetteu então, cravando o dente
na presa que era minha, e me roubaram!

(Animando-se de novo)

Se andei no mar! — Mas é elle, inda agora,
toda a minha paixão e o meu pesar:
paixão de inda tornar oceano em fóra...
pesar, que as fibras d'alma me devora,
de me sentir morrer, sem me vingar!

(Recae, arquejante, sobre o môcho)

A PASTORA

Sois infeliz! Quem pudera
mitigar as vossas dores!

O VELHO, affagando-a

Filha! Assim meiga e sincera,
tu és como a primavera
coroadada de luz e flores!

Mas o inverno álgido e forte
que ruge dentro em minh'alma,
nada, filha, hoje o acalma...
a não ser a mão da morte!

O ZAGAL

Assim tão descrente estaes,
tão fundamente magoado ?

A PASTORA

Se acaso em mim confiaes,
contae-me o vosso passado.

O VELHO

O meu passado!... Ah!... Mixto de sombra e luz,
mixto de heroicidade e quebras de energia,
é elle quem ainda os passos me conduz,
e me ha de acompanhar nos transes da agonia...
Passei a infancia aqui, nos campos e na serra,
descuidado, a sorrir, sem pensar no futuro,
cardando a tósca lã, abrindo o seio á terra,
num sereno viver, patriarchal e puro.
Desde que o sol se erguia até romper a lua,
trabalhava, cantando, heroico agricultor.
E nos sulcos que abria o bico da charrua,
com o fecundo grão que a especie perpetúa,
caía juntamente a benção do Senhor.
Em casa, junto ao lar, como em tórno de um ninho,
as filhas e a mulher iam fiando o linho,
contando historias vãs de moiras encantadas.
E á noite, ao regressar, sereno e satisfeito,
eu sentia florir no intimo do peito
da ventura sem par as rosas perfumadas.
Mas um dia senti estuar no coração,
requeimando-me o sangue, a febre da aventura...
Contra o corpo cingi a rigida armadura,
e fui-me mundo em fóra, atrás de um sonho vão...
Ninguém pôde conter-me. E essa teia singela
que a familia tecera em noites invernaes,
foi que me forneceu a ambicionada vela
da tosca e pueril primeira caravella
que commigo buscou os mares orientaes.
E onde cheguei, venci! Do orbe inteiro dono,
o orgulho dilatou meu duro coração!
Entretanto, na patria entregue ao abandono,
a orphandade e a viuvez sentaram-se no throno,
com seu cortejo atroz de luto e maldição...
E quando, perseguindo um sonho glorioso,
num deserto areal perdi todo o meu bem,
e regressei doente, esqualido, andrajoso,
mais pobre do que fui, sósinho e sem ninguem,
— achei o lar desfeito, os tectos derribados,
hervas a vegetar nos campos que arroteei,
e o estrangeiro odioso, á testa de soldados,
talando a seu prazer campos e povoados,
a rir egoistamente, e a proclamar-se rei!

A PASTORA

Até faz pena o ouvil-o!
Por um sonho, uma illusão,
trocou seu viver tranquillo...
Voltou pobre...

O ZAGAL, *pensativo*

Que lição!

A PASTORA

A vida de Pedro Ossem
não causa mais compaixão...
Havia de haver alguem
que escrevesse isto... Que brilho
tinha esta historia tão linda!

O VELHO

Já houve. Foi um meu filho,
o maior que eu tive ainda!...

O ZAGAL

E a que vindes hoje aqui?

O VELHO

Nem sei dizel-o. Fugi
da cidade que habitava.
Lá, minh'alma era uma escrava
que sem cessar soluçava.
Aqui, ao menos... sorri...
Queria uma vez ainda
matar a saudade infinda
dos campos onde nasci.
E agora, mais me contórso
nas espiraes do remorso...

(*Desalentado*)

O que eu tinha!... e o que perdi!

(*Pausa*)

Ah! a ventura é isto, e só aqui
se encontra a verdadeira f'licidade!

O ZAGAL

Relevae-me, senhor, que vos conteste,
mas tambem se é feliz n'uma cidade.

O VELHO

Nem tu sabes, rapaz, o que disseste!
Trajas aqui uma grosseira veste,
comes pão negro, dormes ao luar,
e és mais feliz que um grande rei que more
num palacio faustoso, e que devore
custosas iguarias ao jantar.

Nasceste aqui, e aqui cresceste. Ignoras a corrupção, que a sociedade gera. Como um plácido rio, as tuas horas deslisam em perpétua primavera. Embotam-se as paixões contra a innocencia da tua alma candida. O peccado não te aguilhõa. E dormes descançado, sob o sereno olhar da Providencia... — Deixa-te estar!... Não busques aventuras! És rei aqui, serás escravo alem. Regressarás crivado de amarguras, sem um amigo que te queira bem. Deixa-te estar!... Nos pinaros da Serra, onde não chega o ecco da Cidade, ha mais saúde e mais felicidade, mais liberdade do que em toda a terra!

O ZAGAL

Saúde?... Mas aqui ha neve, e o frio os membros gela, ao vir da madrugada...

O VELHO

Sorves ar puro, comes pão sadio e tens a consciencia descançada. Nas cidades, o pallido operario anda continuamente a trabalhar a trôco de um mesquinho e vil salario, que lhe não chega p'ra se alimentar. Ah! A Cidade é bella, e pelas ruas rodam luxuosos trens... Mas sob o chão ha paes doentes, creancinhas nuas, boccas que gritam e que pedem pão! Ao lado do palacio portentoso aonde o riço se inebria em goso, rodeado de um luxo secular, ha pocilgas infectas e sem luz aonde o doce nome de Jesus se não murmura já sem blasphemar! Na Cidade, a Miséria é uma rainha. Só ella impera sobre as multidões. Com ellas mora... E de onde ella se aninha logo a doença, correndo se avizinha, entre um côro geral de maldições.

(Pausa)

Ha muito tempo já que um espantoso mal alastra intensamente em todo o Portugal. Insidioso, transpõe todos os limiares, levando o luto e a dor á quietação dos lares. Acomette á traição... E a victima innocente que o seu golpe visou, só muito tarde sente dentro do peito o mal que a vida lhe ameaça. E então, para maior e mais cruel desgraça, sente-se condemnado a isolar-se e a fugir, p'ra que o mal que o feriu não vá outros ferir!

Junto á esposa louçã, referve-lhe o desejo, e sabe que lhe infiltra a morte em cada beijo! Os filhinhos gentis buscam o seu regaço, e elle evita, chorando, o seu candido abraço! A familia que adora, os seus proprios amigos, vivem numa atmospha opressa de perigos. Ah! A angustia sem par que nos seus olhos brilha! Seu hálito é mortal, como o da mancenilha, seu contacto envenena, o seu olhar faz medo. E quando o outono chega, e se despe o arvoredo, entre frouxos de tosse e golfadas de sangue tomba-lhe sobre o leito o magro corpo exangue, liberto emfim da intensa e trágica tortura, a trôco da algidez da negra sepultura! — E eu, forçado a assistir ás horrorosas scenas que a alma enchem de dor, e o coração de penas, ergo os olhos ao céu, a ver se d'elle cae o milagre, que anime um coração de pae!

A PASTORA

Quem poderá fazel-o?

ZAGAL

Eu sei!....

O VELHO

Inda a esperança luz em minh'alma como um halo de bonança! Resoou aqui e além o toque de mesnada, e ao afflicto rebate, em piedosa cruzada, almas feitas de luz, que a sciencia illumina, que a caridade doira e o amor da patria ensina juntaram-se, em cohorte intrépida e guerreira, combate offerecendo á fera carneiceira. Eis travada a batalha!... Impavida, a cantar, a nobre legião lucha sem fraquejar. É de aço e diamante a olympica armadura que o corpo lhe protege e a gloria lhe assegura...

O ZAGAL

São valentes?

O VELHO

Não sei de mais nobres soldados: uma nova e gentil Ala-dos-Namorados, que a Patria agradecida incita e galardõa, que a mão de Deus conduz, e a minh'alma abençõa!

A PASTORA, ao fundo olhando

Que será? Veem subindo a montanha, ao nascente! de homens um grande grupo...

O ZAGAL

Eia! que mar de gente!

O VELHO

É ella — vêde-a bem — a heroica legião!

O ZAGAL

Que vem aqui fazer?

O VELHO

Erguer mais um padrão

no caminho que a leva a desejada meta,
consagrando a memoria illustre de um athleta
que a combater morreu, como um guerreiro antigo.

(O panno do fundo torna-se transparente, e vê-se, nimbado de uma luz muito pallida e muito suave, o busto de Souza Martins. Nenhum dos actores se volta, mas seus olhos, cheios de brilho, parecem ver a figura do saudoso professor, que O Velho continua evocando:)

Valoroso e leal, sem temer o perigo,
aonde houvesse alguém que soffresse e penasse
logo elle apparecia, a illuminada face
franzida num sorriso amigo e carinhoso.
Talento superior, seu coração formoso
— cofre de oiro e crystal que um thesoiro contém
tranzitou pela vida a praticar o Bem,
desperdiçando, a rir, na porfiada lida,
talento... coração... dinheiro... a propria vida...
O inimigo feroz que sempre combateu
logrou prostral-o emfim. E á campa onde desceu
acompanhou-o a dor de toda uma nação...

A PASTORA, *commovida*

Que Deus Nosso Senhor o tenha em sua mão!
(Extingue-se a apotheose)

O VELHO

Hoje, em memoria sua, ergue-se um monumento...

O ZAGAL, *interrompendo*

Na Cidade?

O VELHO

Tambem. Porém esse, um fragmento
de mármore, ha de o tempo arrasal-o afinal.
Mais sólido alicerce e rijo pedestal
tem este, que hoje off'rece um asylo sagrado
ao valetudinario inerme e desgraçado.

Ao sábio que viveu a mitigar a Dor,
não se podia erguer monumento melhor.
Este sim, que ha de ser eterno, e ha de ficar,
como um bloco de rocha erguido sobre o mar!

A PASTORA, *olhando*

Já veem mais perto agora. Olhae. Uma Senhora,
de luminoso olhar e fronte sonhadora,
á frente d'elles vae, e lépida caminha...

O ZAGAL

Magestosa figura!

A PASTORA

Alembra uma rainha!

(Ao Velho)

A que vem ella cá?

O VELHO

Foi ella quem um dia
p'ra a lide os aprestou, e é quem agora os guia.

A PASTORA

Formosa alma tem!

O ZAGAL

Deus a faça feliz!

A PASTORA

Se ella passasse aqui...

O ZAGAL

O que farias? — Diz!...

A PASTORA

Eu dir-lhe-ia: — « Senhora!

(Surdina na orchestra)

A redimir-nos viestes,
como outr'ora uma pastora
do paiz onde nascestes.

E assim como ella, tambem
num santo enthusiasmo fostes
passar em revista as hostes
que combatem pelo Bem.

À frente d'ellas, sorrindo
dos espinhosos abrolhos,
atrás d'essê sonho lindo
em que puzestes os olhos,

na radiante belleza
do vosso busto nervoso,
lembraes o vulto grandioso
de alguma antiga gauleza.

A bondade, a graça ideal,
são as armas que trazeis.
E na lucta contra o Mal,
vós pelejaes... e venceis!

Como vibora damninha,
ergue a cabeça nojenta
a Desgraça, que apoquenta
o vosso povo, Rainha!

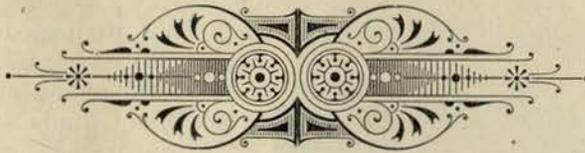
E Vós, marchando entre flores,
cabeça núa e pés nús,
calcael-a, seccando as dores
que o seu dardo nos produz.

E então, que luz refulgente
do vosso olhar irradia!
Sois como a Virgem Maria
pisando aos pés a serpente!

A Vós e á nobre legião
de sabios que hoje aqui vem,
agora saude quem
tem alma e tem coração!

E embora a voz me atraição,
as minhas preces mais puras
são: que Deus vos abençõe
e vos cubra de venturas!

(*Cae o panno*)



CASOS DO MEZ

A QUESTÃO DE COIMBRA

Um dos casos que mais tem attrahido a attenção do publico, é positivamente a chamada questão de Coimbra, originada na re-provação em acto de conclusões magnas do snr. dr. José Eugenio Ferreira.

Foi no principio de março que o caso se deu. A academia, que julgou injusto o *verdictum* da faculdade, logo manifestou o seu desgosto, correndo a casa do sr. dr. J. Eugenio Ferreira, e fazendo-lhe ahi uma grande manifestação de sympathia. Ao mesmo tempo, os professores da faculdade de direito eram apupados, e em frente á casa d'esses lentes soltaram-se gritos sediciosos.

Em consequencia d'este estado de coisas, o governador civil de Coimbra requisitou força militar e policial, que em grande abundancia lhe foi fornecida pelo governo, com o que apenas se produziu mais intensa efervescencia nos animos.

Dias depois, publicava-se um decreto encerrando a universidade, e ordenando que todos os academicos sahisses de Coimbra no praso de 24 horas.

Em obediencia a esse decreto, os estudantes abandonaram a formosa cidade, e espalharam-se pelo paiz, não sem terem previamente nomeado commissões de vigilancia



A SAHIDA DOS ESTUDANTES DA ACADEMIA POLITECHNICA DO PORTO

encarregadas de seguir pouco a pouco a marcha dos acontecimentos, e de proceder da forma mais consentanea com os interesses da academia.

Ao mesmo tempo, instaurava-se na uni-

versidade o respectivo processo. E poucos dias antes da reabertura das aulas, o conselho dos decanos, reunido em claustro pleno, vibrava a sentença expulsando por dois annos os pretensos cabeças de motim, entre os quaes se contam escriptores já muito conhecidos no nosso meio litterario, como os quintanistas Campos Lima, Carlos Olavo e Ramada Curto.



EDIFICIO DA ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

A' promulgação da sentença responderen toda a população academica de Coimbra declarando-se em gréve. As aulas, de todas as faculdades, inclusivamente as de theologia, ficaram desertas. E dentro em pouco a gréve alastrava e estendia-se a Lisboa, onde as aulas da Escola Medica, do Instituto Industrial, da Escola Polytechnica, dos Lyceus, das Escolas Industriaes. etc., foram abandonadas, e ao Porto, onde todos os estabelecimentos de instrucção ficaram vasiados de alumnos.

Dias depois, os estudantes de Braga, de Lamego, de Guimarães, de Evora, de Aveiro — quasi poderiamos dizer de todo o paiz — seguiam o exemplo dos seus collegas dos grandes centros. E eis que uma questão que tão de prompto parecia poder extinguir-se a principio, se transforma numa questão magna, de altissima importancia, que conseguiu estorvar a marcha governativa, a ponto de ter sido encerrado o parlamento, e por ultimo todas as escolas superiores dependentes do ministerio do reino.

Ao mesmo tempo, o sr. ministro da guerra ordenava que todos os alumnos militares recolhessem ás escolas praticas das respectivas armas.

Publicamos em gravura alguns aspectos d'essas escolas, que, replectas de estudantes, tomaram agora uma physionomia particular, sobretudo a de Mafra, a respeito da qual um distincto profissional nos dá as seguintes informações :

ESCOLA PRÁTICA D'INFANTERIA EM MAFRA

E' este estabelecimento d'instrução militar um dos que mais honram o nosso Exercito, pela forma verdadeiramente pratica e mo-

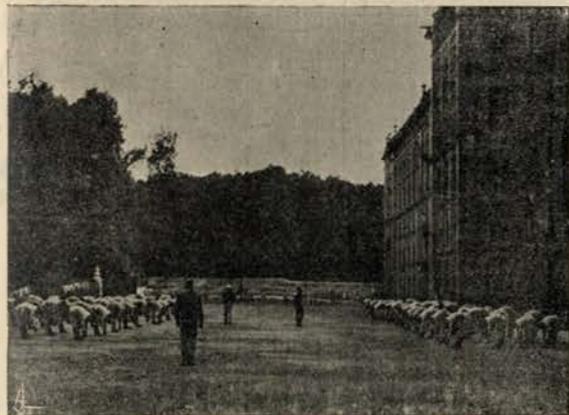


NA ESCOLA PRÁTICA DE INFANTARIA
Uma lição de esgrima na sala d'armas

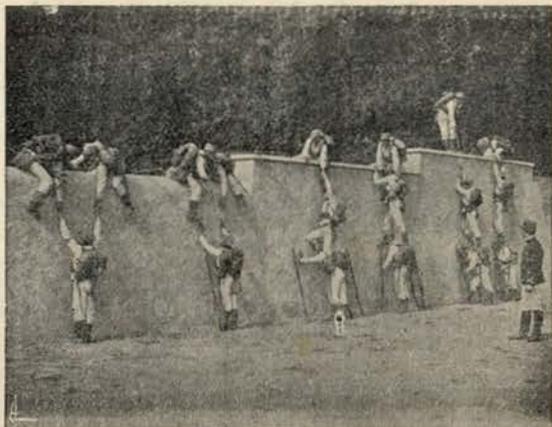
derna por que ali se ministram conhecimentos de todos os ramos de serviço que interessam á arma d'Infantaria.

Alojada no sumptuoso edificio do Convento de Mafra, monumento que bem attesta as nossas passadas grandezas, a sua installação nada deixa a desejar, tornando-se por vezes luxuosa, contrastando assim com o que em geral se vê em edificios publicos.

A instrução que ali se applica d'uma forma racional e intensiva a todo* o pessoal



NA ESCOLA PRÁTICA DE INFANTARIA
Uma escola d'instrução, executando o exercicio livre «fluxão total do tronco á frente»

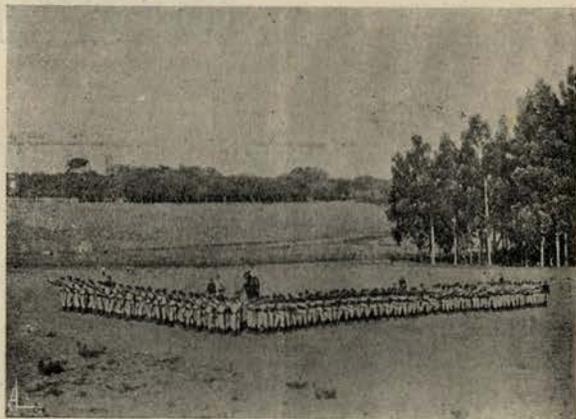


NA ESCOLA PRÁTICA DE INFANTARIA
Escalada a um muro

que ali concorre, é modelar, podendo-se comparar ao que de melhor se encontra no estrangeiro.

As nossas gravuras apresentam alguns aspectos dignos de menção.

A secção d'esgrima, dirigida superiormente pelo insigne mestre d'armas Pedro de Oliveira e coadjuvado por varios officiaes d'Infantaria salienta-se d'uma forma verdadeiramente notavel. A sala d'armas é na antiga sala do Capitulo, uma verdadeira obra de arte.



NA ESCOLA PRÁTICA DE INFANTARIA
Um colchete offensivo

A gymnastica, verdadeira escola de educação physica, pôde apresentar-se como a unica escola naquelle genero. Ministra-se lá a gymnastica sueca, com as suas variadas applicações.

As nossas gravuras figuram, uma escola d'Instrução executando o exercicio livre «fluxão total do tronco a frente» e a outra a gymnastica na sua applicação: Escalada a um muro.

A ultima representa um «Colchete offensivo».

Ultimamente a Escola foi visitada por S. Magestade o Rei de Saxe, analisando este detalhadamente todo o serviço que ali é executado, e elogiando d'uma forma verdadeiramente captivante para nós portuguezes, aquelle modelar estabelecimento d'ensino pratico, que se torna necessario ser bem conhecido por todos aquelles que se interessam pelos progressos da arte militar, e por tudo quanto seja nosso.

OLIVEIRA ALVARENGA

Falleceu no mez passado este distincto jornalista, um dos mais valiosos membros da redacção do *Primeiro de Janeiro*.

Talento brilhante ao serviço de um formoso caracter, Oliveira Alvarenga era profundamente estimado no Porto, e legou a todos que o conheciam uma saudade immorretoira.

Trabalhador indefesso, luctando aspera e denodadamente pela vida dos seus, veio a morte surprehendel-o precisamente quando mais deseriçado de espinhos se lhe antolhava o caminho da existencia.

Pouco, quasi nada, deixou aos filhos, — a não ser o grande exemplo da sua afadigosa vida e do seu diamantino caracter.



OLIVEIRA ALVARENGA

O INCENDIO DA RUA DA MAGDALENA

Um pavoroso incendio, a maior catastrophe succedida em Portugal depois do desastre do Theatro Baquet, acaba de lançar a maior consternação na capital do paiz.

Na madrugada do dia 10 de abril ardeu completamente, em Lisboa, o predio da rua da Magdalena que fazia esquina para a calçada de Santa Justa, o qual pertencia ao sr. tenente-coronel Francisco José Machado, e era occupado por varias familias.

Dentro de poucas horas, da bella casa de cinco andares que ali se erguia, nada mais restavam que fumegantes ruinas, occultando nos seus escombros os cadaveres de quinze desgraçados que não puderam fugir.

Dos infelizes habitantes d'este predio, alguns houve que, mais ousados, se precipitaram á calçada, ficando estatelados e mortos no lagedo. Um horror!

Para cumulo de compunção, e até de indignação publica, aconteceu que os soccorros foram tardiamente prestados, e que pezam graves accusações sobre um dos locatarios, que já confessou ter ateado propositalmente o incendio.

O funeral das victimas correu a expensas do estado, tendo-lhes a camara municipal mandado fazer, á sua custa, solemnes exequias.

O JULGAMENTO DE GUERRA JUNQUEIRO

O nosso primeiro poeta houve de compa-recer, pela primeira vez na sua vida, perante o tribunal de S. João Novo, accusado do crime de abuso da liberdade de imprensa.

Na «Voz Publica» de 2 de dezembro, e após lamentaveis occurrencias de desordem publica nas quaes perdeu a vida um pobre operario, publicou Guerra Junqueiro um *en-tête*, que a auctoridade julgou offensiva da magestade real.

Tendo a querella corrido seus tramites, o julgamento realison-se no dia 10 de abril, em jury mixto constituido por tres juizes.

Foi defensor o sr. dr. Affonso Costa, deputado da nação, que produziu um magnifico discurso em defesa do seu constituinte. Por seu turno, Guerra Junqueiro, convidado a accrescentar o que em sua defesa julgasse util, leu um documento de alto relevo litterario, mas violentissimo quanto á essencia, que os jornaes diarios publicaram, e foi o assumpto obrigado de todas as conversas.

O genial escriptor foi condemnado em cincoenta dias de multa a mil reis por dia, custas e sellos do processo.

A' sahida do tribunal, a grande multidão que assistira ao julgamento, acolheu-o com uma formidavel ovação.



A CURA DO CANCRO

O órgão official da academia de medicina hungara publicou uma memoria do dr. Franz, dizendo que applicara injecções de gelatina no tratamento do cancro. No principio do tratamento os enfermos tiveram febre intensa, que desapareceu pouco depois. Continuando a empregar as injecções, observou que os enfermos melhoraram visivelmente.

De quarenta cancerosos que foram submetidos a tratamento, um foi curado radicalmente, sete quasi por completo, ficando apenas vestigios sem importancia, e os outros estão melhorando, excepto cinco que não obtiveram ainda resultados alguns.

Será d'esta vez? Ou terá o hungaro Franz a sorte do francez Doyen?

UMA NOVA ESTAÇÃO DE TELEGRAPHIA SEM FIOS

Iniciou-se em Nauen (Allemanha) a construcção de uma nova estação de telegraphia sem fios, segundo o systema Telefunken. Esta nova estação deve differir muito das construidas até hoje. Com effeito, na de Norddeich, installada por conta da Administração allemã dos correios, encontram-se quatro grandes torres figurando um quadrilatero equilateral, entre as quaes o systema dos fios transmissores tomou a fórma de um funil, fórma que se encontra tambem entre as quatro grandes chaminés da estação de Oberschoeneweide, perto de Berlim. Em Nauen, pelo contrario, vêr-se-á apenas uma unica torre, do alto da qual o systema dos fios transmissores se dirige para a terra. Sem duvida, a energia irradiará assim mais lentamente, mas o conjuncto da installação tornar-se-á sensivelmente mais simples e menos dispendioso. Do mesmo modo que em Norddeich, a unica torre

de Nauen elevar-se-á a uma altura de 100 metros acima do solo. Calcula-se que a nova estação terá um alcance de 1500 kilometros; poder-se-á, pois, d'este ponto communicar com toda a Europa central, assim como com o mar do Norte e com o Baltico.

O AEROPLANO DELEGRANGE

A machina voadora automotriz do escultor Delegrange gastou durante muito tempo a paciencia do seu proprietario e dos seus experimentadores, os irmãos Vaisin. Experimentado a principio no polygono do Vincennes, o aeroplano rasgou-se duas vezes nos planos principaes da retaguarda, mas nos ultimos dias de março, em Bajatelle, o mesmo apparelho, reforçado nos pontos fracos, e apesar



O AEROPLANO DELEGRANGE NO MOMENTO DE ELEVAR-SE

do augmento de peso — trinta kilos, aproximadamente — conseguiu elevar-se a uns 75 centimetros e percorrer sem avaria uma distancia de 12 metros.

M. Delegranges, após algumas modificações que tenciona fazer no seu aeroplano, espera que numa nova experiencia, obterá um resultado ainda mais satisfatorio.

NOVA DETERMINAÇÃO DO MERIDIANO

O snr. dr. Manuel Pereira Reis, engenheiro brasileiro e astrónomo, acaba de fazer uma nova determinação do meridiano.

A elaboração d'esse trabalho durou 30 annos. Sabe-se que na Europa se emprega o processo das estrellas circumpolares. Pereira Reis serve-se de um circulo meridiano que tem uma outra perpendicular á primeira e a duas outras, cujo angulo, feito no collimador do norte, é de 60. Obtida a passagem de uma estrella no azimuth leste e no azimuth oeste, a directriz é a linha meridiana e o plano bissector é o plano meridiano. Este methodo pôde ser empregado com vantagem pratica, mesmo nos logares onde ha grande numero de estrellas circumpolares.

Em Paris, Faye e Lié, tentaram resolver o problema, sem recorrer aos circumpolares, mas apesar da parte logica ser perfeitamente scientifica, na pratica repelliam-se as impossibilidades. Assim, Faye collocava uma luneta vertical na parte superior do circulo meridiano. Era difficil a construcção do apparelho. Lié fazia a luneta horizontal; mas como ella tem de descrever circulos completos, esse trabalho por si só é causa de uma série de erros nos meridianos.

O processo Reis apresenta, sob o ponto de vista pratico, uma grande vantagem, pois não se recorre a circulos graduados. Assim, o circulo do collimador norte só tem um ponto

fixo no seu limbo, ponto esse feito por um fio de teia de aranha, admiravelmente posto pelo illustre preparador do Observatorio. Este ponto fixo custou bastante a ser realisado porque a falta de artistas é consideravel. Basta dizer que um traço feito a diamante a olho nú é perfeito: com uma pequena lente já é visto todo cheio de pequenas farpas e com o micometro fica horrivel. O dr. Reis teve necessidade de estabelecer formulas de correções.

Esse trabalho foi grande. Para isso o astrónomo tomou um ponto no eixo, e como elle deve descrever um circulo completo quando a luneta faz uma evolução completa, pois esse ponto se afasta d'esse circulo em tres pontos cuja distancia não atinja a 3 decimos de milimetro, e em outros a distancia é muito menor e na totalidade esse ponto coincide com os do circulo que elle descreveria se eixo e munhões fossem em absoluto perfeitos.

Este trabalho pratico foi realisado pelo preparador em uma escala de 1 para 800 e de 1 por 1:000.

A adaptação de uma segunda luneta perpendicular á primeira, além de sua utilidade, permite a observação de duas estrellas cuja distancia é de 90° absolutos. Para evitar a flexão das lunetas, que são pesadas, o dr. Reis ligou-as entre si por barras metallicas, d'onde a flexão é nulla.

O dr. Reis montou tambem uma bateria para illuminação electrica do circulo meridiano, que illumina o campo onde está o fio de teia de aranha.

Esse trabalho durou 30 annos a ser effectuado, de 1879 até agora. Todos os competentes acham que só elle basta para immortalisar um sabio.



MANEIRAS DE VÊR

Não ha talvez crenças por mais profundamente arraigadas, que passem de simples maneiras de ver. Nem mesmo os dogmas, proclamados pelos homens, de irrefragavel infallibilidade, podem ser acceitos, senão como meros pontos de vista.

Ao estudo de todas as sciencias, todos os sabios do mundo se lançam ardentemente

numa ancia febril de investigação experimentalista. As revelações succedem-se. Porém a humanidade continuará vivendo como sempre viveu, embalada pela candidez das suas supposições.

Fraco e ingenuo o que affirmar possuir a noção positiva sobre qualquer coisa da vida. Porque elle não se conhecerá, ignoran-

do que as coisas serão sempre o que são, e não aquillo que nós pensamos ou desejamos que sejam.

Todo o estudo, sereno, profundo e pertinaz, tendente a elucidar-nos sobre a analyse real das coisas, apenas consegue despertar-nos a ideia imperfeita, mas essa verdadeira do quanto ignoramos.

E assim julgamos, porque a mais lucida intelligencia alliada a mais vigorosa organisação e aproveitada existencia, não chega, nos tempos d'agora, para determinar sequer com regular systematisação a intrincada genealogia das algas.

Desde que o homem pensou, o seu espirito luctou incessantemente por descobrir a verdade. Mas isso jamais lhe será permittido conseguir, porque nunca viu, nem nunca verá immoveis os pratos da balança aonde se defrontam numa oscillação constante, a certeza e a duvida. Ambicioso de suaves balsamos, exigindo compensação immediata ao seu esforço dispendido, o espirito, separa do turbilhão de ideias aquella que mais lhe agrada, revestindo-a com o azul ideal da sua phantasia e vendo-a pela maneira que julga mais verdadeira, porque é essa que mais o convence e consola.

« Não é a verdade, escreveu um dia o adoravel philosopho americano Lessing, em cuja posse está ou crê estar, que dá ao homem o seu valor, mas o esforço sincero que elle gastou para se aproximar da verdade. Se Deus tivesse fechada na sua mão direita a *Verdade* absoluta e na sua mão esquerda, só o vivo esforço para a *Verdade*, e me dissesse: — Escolhe?! « — sem vaidade, mas sem hesitação, embora errasse sem cessar e eternamente, tomando a sua mão esquerda, eu diria: Pae, dá-me esta!... A *Verdade* em toda a sua plenitude está tão alta que só pode pertencer a Ti!»

Esta grandiosa expressão do modesto sentir do fulgurantissimo pensador pantheista, ao

passo que envolve uma affirmação altissima e bellamente sentimental, implica tambem uma sublime maneira de ver.

Fortalece-nos devéras a opinião de Lessing. Todavia prestamos a nossa veneração a todas as persuasões, embora julguemos que em religião, em moral, em sciencia não ha senão maneiras de vêr, porque esses principios são eternos e variados como variadas e eternas são as lucubrações e conquistas do pensamento humano.

Todos os que meditam sabem, que é d'esse eterno Olympo chamado a alma popular, d'esse mar inquieto, agitado pelos interesses de mais expertos e mais fortes, que tem surgido as divindades de todos os tempos; que é do esforço pela conquista do Bello e do Bem que a moral se vae illuminando das mais suaves e iriantes claridades; que é da constancia no desenvolvimento, accumulção e selecção das ideias, que irrompem cada vez mais esplendidas as revelações scientificas e as extraordinarias concepções philosophicas.

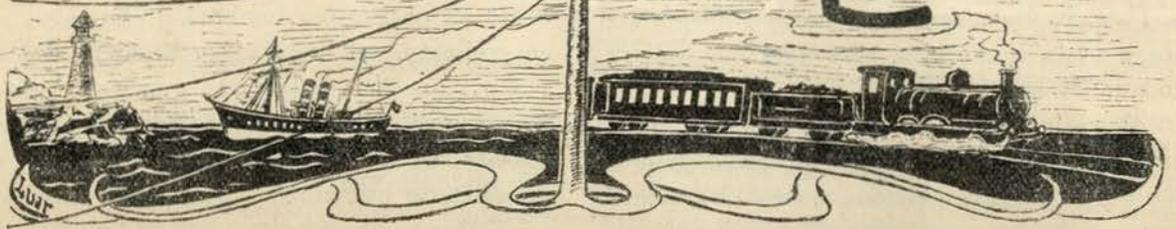
Enganam-se porém os que cuidam encontrar a verdade na philosophia; porque ella, considerada a ultima palavra do Real, implicaria a paralisação do pensamento humano.

« É indubitavel que a cada periodo historico corresponde o seu systema philosophico », affirmou convicto o inolvidavel e saudoso Anthero, a quem Oliveira Martins, assumindo o mais religioso e gratissimo pontificado, canonicou de Santo.

A missão pois que impende ao espirito humano, é de bem definir as suas concepções, robustecidas com a experiencia e conhecimentos adquiridos, o que significa, que em nada se poderá proferir a ultima palavra e que a humanidade viverá através de todos os tempos, sempre animada pela variabilidade confusa das suas maneiras de ver.

GUILHERME

DE POLO A POLO



OS TUMULTOS EM VARSOVIA

Na Polonia Russa, que não parece querer pacificar-se, rebentaram graves tumultos.



OS TUMULTOS EM VARSOVIA
UMA CARGA DE CAVALLARIA

ficado mortos cento e vinte homens, e feridas centenaes de pessoas.

Num conflicto havido em Varsovia, no dia 10 do corrente, foram arremessadas bombas explosivas, tendo

TRAGICA AVENTURA NO HOSPITAL DO TAXIM

O hospital de Taxim, em Constantinopla, foi ha dias theatro da mais macabra e tragica aventura que se póde imaginar.

Ha ali um departamento destinado aos loucos, no qual só teem ingresso os mais pacíficos, que podem passear livremente pelos jardins.

Ha poucos dias falleceu um dos internados e, segundo é costume, o corpo ficou provisoriamente em uma sala reservada.

Passando por defronte d'esse aposento um dos loucos pensionistas da casa, vendo a porta aberta, entrou e deteve-se largo tempo a examinar o cadaver.

Que idéa atravessou naquelle instante a sua mente enferma?

E' impossivel saber-o. O caso foi que o louco, a breve trecho, fechou a porta e apoderando-se do cadaver, encerrou-o num armario, onde eram guardados habitualmente medicamentos e diversos utensilios cirurgicos.

Realisada esta operação, que devia ter-lhe sido difficil e penosa, guardou a chave do armario e embrulhou-se na mortalha, que despiu ao morto. D'ali a pouco veio o capellão do hospital, um venerando velhinho, que começou a lêr vagarosamente os responsos do ritual, parando subitamente aterrorisado, ao notar que o morto havia movido um pouco a cabeça, fitando os olhos vivos e scintillantes nos seus. O breviario escapou-se-lhe das mãos e o pobre sacerdote cahiu no chão como uma massa inerte. Estava morto.

O louco permanecia estendido sobre a mesa, envolvido no sudario.

Chegaram os enfermeiros e ao ver o capellão cahido, suppondo que tivesse sido acometido d'uma syncope, correram ao armario, em busca d'um cordeal.

Nova e mais terrivel surpresa. Ao abrir o armario, o cadaver ali encerrado pelo louco cahiu nos braços dos enfermeiros, que recuaram espavoridos.

Quizeram fugir, mas o terror que d'elles se apossou cravou-os ante a macabra apparição, só lhes permittindo chamar por soccorro, ao notarem que o falso morto, sempre envolto no lençol, estendido sobre o marmore da mesa anatomica, os fixava attentamente.

Accudiram, finalmente, outros empregados e esclareceu-se o mysterio, restabelecendo-se depressa a ordem e o socego no hospital. Os mortos foram sepultados e o louco auctor da macabra burla foi isolado.

A CATASTROPHE DO IENA

Uma grande catastrophe enlutou no mez passado a nação franceza: foi a explosão do couraçado *Iena* no porto de Toulon. O *Iena* tinha recolhido a uma das docas para limpar o fundo, quando se declarou a seu bordo um incendio, que, attingindo os paiotes, provocou o lastimoso desastre. De seiscentos homens

que constituíam a sua tripulação, falleceu a terça parte.

Logo que a noticia da catastrophe, transmittida pelo telegrapho, se espalhou pelo mundo, todos os soberanos se apressaram a enviar as suas condolencias a M. Fallières. O primeiro telegramma que nesse sentido chegou ao Elyseu foi — circumstancia digna de nota — o do imperador Guilherme da Alemanha.

O CENTENARIO DE GARIBALDI

Festejando o primeiro centenario do nascimento de Garibaldi, vae inaugurar-se em Paris, no proximo mez de julho, a estatua do fogoso revolucionario. Este monumento, obra do esculptor Crochi, que deve perpetuar a memoria do grande general italiano, representa a satisfação da grande divida que a França contrahiui para com Garibaldi, quando elle, em 1870, á frente da sua guerrilha, veio combater na fronteira da Alsacia as tropas invasoras.

A ENTREVISTA DE CARTHAGENA

Coincidindo com o nascimento da questão marroquina, e talvez com ella se relacionando, acaba de realizar-se em Carthagená uma entrevista entre os monarchas da Inglaterra e Hespanha. Esta entrevista, que se revestiu, de um caracter essencialmente intimo, nem por isso deve ter deixado de pesar um pouco na balança do equilibrio europeu. E se alem Pyreneus ella foi vista com bons olhos, com certeza que outro tanto se não deu no imperio trans-rhenano.

O Rei Eduardo sahiu de Biarritz no dia 6 para reunir-se em Marselha com a Rainha Alexandra, largando o «Victoria and Albert» nesse mesmo dia para Carthagená, onde o Rei Affonso se achava á sua chegada, a bordo do «Giralda», guardado por uma divisão naval, commandada pelo general Morgado e da qual faziam parte os navios «Prinzeza das Asturias», e «Extremadura».

Por seu turno o «yact» real inglez foi escoltado por uma poderosa esquadra, consti-

tuida por seis grandes couraçados, quatro cruzadores e um aviso. Apesar do caracter

intimo da entrevista, o Rei Eduardo quiz dar-lhe este aspecto de solemnidade como prova de affecto á Hespanha e ao seu monarcha.

Os soberanos inglez e hespanhol demoraram-se em Carthagená dois dias, durante os quaes passaram revista aos navios de guerra, assistiram a dois banquetes, um no yact real inglez e outro no hespanhol, visitaram a povoação, e assistiram á inauguração da nova Casa Consistorial.



S. M. AFFONSO XIII
Rei de Hespanha

Os soberanos inglez e hespanhol demoraram-se em Carthagená dois dias, durante os quaes passaram revista aos navios de guerra, assistiram a dois banquetes, um no yact real inglez e outro no hespanhol, visitaram a povoação, e assistiram á inauguração da nova Casa Consistorial.

O REI DE INGLATERRA TOMADO POR MENDIGO

Durante a estada do rei e da rainha de Inglaterra em Napoles, deu-se um caso curioso na occasião que suas magestades visitavam a egreja de Santa Chiara.

Como a egreja estivesse fechada, e os frades guardiões estivessem a almoçar, os régios visitantes bateram á porta, mas o sacristão, julgando serem mendigos, respondeu-lhes:

— Ide em paz, não se póde dar esmola.

O rei Eduardo achou graça ao equívoco e riu com vontade.

Então um dos membros da régia comitiva fez vêr ao sacristão que desejavam apenas vêr a egreja, ao que elle, mais irritado ainda, exclamou cheio de colera:

— Não nos incommodeis. Não são horas de vêr a egreja.

Por acaso passava neste momento o general Salsa, o qual, reconhecendo a comitiva, intimo o sacristão a abrir a porta.

Calcule-se a cara d'este ao ver quem eram as pessoas que elle tinha tomado por mendigos.

VISITA DO REI DE PORTUGAL AO BRAZIL

S. M. El-Rei D. Carlos I acaba de ser convidado pelo Dr. Affonso Penna, presidente da Republica do Brazil, para ir visitar aquelles estados. A colonia portugueza mostra grande entusiasmo com essa visita.



S. M. EDUARDO VII
Rei de Inglaterra e imperador das Indias

A QUESTÃO DE MARROCOS

Mais uma vez deu que falar de si o imperio norte-africano. Depois de tanta somma de horas perdidas em discursos e conferencias, ao sul de Hespanha, na pequena villa de Algeciras, e precisamente quando parecia que o sultão marroquino ia tomar juizo, eis que, a pretexto do assassinato do dr. Mauchamps, cidadão francez, em Marrakech, a questão re-



UM CASTELLO MARROQUINO

nasce, mais violenta d'esta vez, a ponto de a França ordenar aos seus couraçados a travessia do Mediterraneo, no sentido de occupar Ouidja, até que o sultão dê as devidas satisfações e pague a indemnisação exigida.

A occupação da cidade marroquina indicada, realisou-se com relativa facilidade. Todas as nações, e a propria Allemanha *malgré elle*, adheriram á politica franceza, apoiando o seu procedimento. Está neste pé a questão. Mas já, á hora em que escrevemos, o imperador de Marrocos arrepella os cabellos, e bate no peito, garantindo a pureza das suas intenções.

Creemos, portanto, que a questão se extinguirá dentro de pouco... para renascer a breve trecho.

A MORTE DE BERTHELOT

Berthelot, o grande sabio que era a mais lidima gloria de França, falleceu o mez passado, tendo-se o seu passamento realisado em circumstancias commoventes.

A esposa de Berthelot, doente desde alguns dias, morrera serenamente durante a ausencia do marido, preso esse dia por inadiaveis afazeres no Instituto da França, do qual era secretario perpétuo.

Regressando a casa, e tendo noticia do infausto acontecimento, Berthelot teve uma sincope que o prostrou.

A sua morte foi um motivo de luto geral para a França. As côrtes resolveram que ao feretro do illustre ancião se prestassem honras nacionaes, e que o seu cadaver fosse inhumado no Pantheon.

Como, porém, Berthelot manifestara durante a vida o desejo de repousar junto de sua esposa, tambem os restos mortaes d'esta foram dormir o ultimo somno para a crypta do templo da Patria, ao lado do glorioso sabio, de quem

fôra durante 50 annos companheira dedicada.

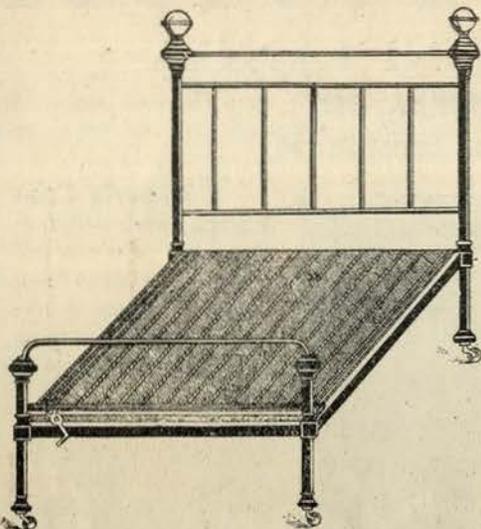
FALLECIMENTO DE M. CASIMIR PERIER

Falleceu no mez passado, em Paris, o senador Casimir Perier.

Contava 60 annos de idade, tendo sido presidente da Republica Franceza desde junho de 1894 a janeiro de 1895.



M. CASIMIR PERIER



A INDUSTRIAL VIEIRA & SILVA FABRICANTES

461 — RUA DO ALMADA — 463
PORTO

Camas de ferro simples e com guarnições de metal dourado; sortimento completo em todas as dimensões, do aperfeiçoado systema de armação, simples e solida.

Coleções e enxergões; permanente fabrico e deposito completo em todas as dimensões e qualidades, pannos de riscado e linho para enchimento de palha, folhelho, lã e sumauma.

Lavatorios de ferro para barato e modelos ornados com hastes para toalhas e galerias para disposição de todos os pertences de toilette, com os seus accessorios de louça fina.

Fogões de ferro forjado, para cozinha, fabrico especial em pequenas e grandes dimensões para hoteis, restaurantes, etc. (peçam o modelo industrial).

Cofres de ferro verdadeiros á prova de fogo, fabricação solida, isolador completo e garantido, como provam declarações authenticas de sinistros acontecidos.

Obras de zinco em todos os generos, banheiras em todos os formatos e dimensões para adultos, baldes e regadores, escarradeiras, bidets, retetes para quarto, etc.

«A INDUSTRIAL» fabrica nas suas officinas, em larga escala, todos os artigos em mobílias de ferro, colchoaria, etc.; exportação em grande escala para todo o reino, Ilhas, Africa e Brazil

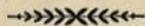
CERTEZA absoluta de seriedade em todos os negocios e condições de venda por junto e a retalho, por preços fixos

ENVIAM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS

EMPRESA

Industrial de Cortumes

(PROCESSO PRIVILEGIADO)



AGENTE EM LISBOA

CARLOS GOMES & C.^a

Rua dos Retrozeiros, 45-1.^o

Deposito na fabrica

Avenida da Boa-Vista—Porto

ESCRITORIO

138, Praça de D. Pedro, 138

MERCURIO

Companhia de Seguros Maritimos e Terrestres

CAPITAL Rs. 2.000:000\$000

Sede: RIO DE JANEIRO

DEVIDAMENTE LEGALISADA EM PORTUGAL

Agentes geraes em Portugal:

M. MARTINS & C.^a

Porto—R. Ferreira Borges, 38-1.^o—TELEPHONE 694

Lisboa—R. de Santa Justa, 107-2.^o—TELEPHONE 1303

Banqueiros:

Pinto da Fonseca & Irmão

PORTO

BRAGA & PILE



TELEPHONE N.º 680

Materiaes

DE

CONSTRUCÇÃO

E

Saneamento

MATOLIN

Tinta ingleza
a agua

A mais hygienica

E

economica

Telegrammas

BRAILE

Rua do Sá da Bandeira, 237 — Porto

FABRICA DE PAPEIS PINTADOS

DE

Antonio Cardoso da Rocha

EM

Carreiros — FOZ DO DOURO

Fabrica papeis lavaveis, imitando tecidos,
faianças, madeiras, couros
e todo o genero
de papeis para forrar casas;
qualidade e perfeição garantidas

DEPOSITO

178, RUA DE SANTO ANTONIO, 184
(junto ao portão dos banhos)

PORTO

SUCCURSAL

24, Praça dos Restauradores, 24

LISBOA

Enviem-se amostras francas de porte
Depositario da tinta d'agua, sanitaria
Walpamur

Officina de Picheleiro e Latoeiro

DE

Antonio Luiz Ribeiro

98, R. CEDOFEITA, 102

(Entre a Rua do Principe
e Travessa de Cedofeita)

PORTO

Arnaldo Lima

ARTIGOS SANITARIOS

Materiaes de Construcção

Rua do Almada, 104 a 114

e T. D. Pedro, 1 a 9 - Porto

Lavatorios, bidets, retretes, semicupios e
urinoes, em ferro esmaltado e porcelana.
Aquecedores para banho e lavatorios em
cobre polido e nickelado para gaz, gasolina e
carvão. Banheiras de zinco e ferro esmal-
tado. Apparelhos para douches e chuveiros.
Estufas para sala e guarnições em marmore
artificial para as mesmas. Fogareiros para
gaz e acetylene. Toalheiros de metal, ma-
deira e crystal. Azulejos e mosaicos nacio-
naes e estrangeiros, telha, etc., etc.

Depositario da COMPANHIA PREVIDENTE
de Lisboa

A mais importante fabrica no Paiz,
de pregaria de ferro, cobre, zinco e latão

ATELIERS DE PHOTOGRAVURA
MARQUES ABREU & CA
 R. DE S. LAZARO 310 - PORTO



As empresas editoraes teem preferido estes ateliers, não só pelo maximo escrupulo que preside aos seus trabalhos, executados pelos mais aperfeiçoados processos em uso no estrangeiro, e que em larguissima escala se executam nestas officinas, como pelo rigor tecnico e modicidade de preços, que os tornam dos mais conhecidos e aptos a competir com as outras officinas de photographura do paiz.

Arte

DIRECTOR
 e
 GRAVADOR

Marques Abreu

A «ARTE» é uma publicação mensal, destinada a archivar todas as manifestações artisticas, mas de preferencia as obras primas, nacionaes e estrangeiras, da Esculptura, da Pintura, da Architectura e da Photographia, e um órgão profissional destinado a acompanhar os progressos de reproducção pela gravura, em todos os seus ramos, e da composição e impressão typographica em Portugal.

Preço da assignatura

Anno	360 réis
Pelo correio	390
Avulso	30

Edição especial em cartão Couché

Anno 720. pelo correio 780, Avulso 50 réis
 O minimo praso d'assignatura é por um anno.

UZA E
 Nos nossos automoveis

DA
Automovel-gazo
Colonial Oil Company

Agencia no Porto
 208-1.º, Mousinho da Silveira
 TELEFONE N.º 92
PORTO

Escola Pratica Commercial
Raul Doria

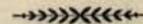


E
Escola Pratica
de Economia Domestica

422, RUA DE FERNANDES THOMAZ, 442

PORTO
 (Fundada em 1902)

Director — **Raul Doria**
 Administrador — **Silva Doria**



Primeiro e unico estabelecimento
 de ensino commercial do paiz

SEM RIVAL

Unica escola montada com todo o rigor
 da pratica commercial

5 casas de commercio dentro da escola

Cursos nocturnos e diurnos
 Cursos commerciaes para senhoras
 Cursos de Economia domestica
 Cursos por correspondencia

Remette-se o programma gratuitamente a quem
 o requisitar

PADARIA CUNHA

Augusto da Silva Cunha

520, R. DE SANTA CATHARINA, 524



Fabricação diaria de pão fino com farinhas das melhores
fabricas do Porto.

Distribuição nos domicilios duas vezes por dia.

Especialidade em PÃO PODRE DOCE, todas as quintas-feiras,
sabbados e domingos.

Biscoito rijo para chá pelo systema de Lamego.

Completo sortido em todos os artigos
de mercearia e confeitaria, vinhos de consumo do Douro
engarrafados e avulso, vinhos finos, cognacs, etc.

TOSTA DOCE, fresca, todos os dias.

AZEITE PURO DO DOURO E ALEMTEJO

Ó MELHOR CAFÉ É O * *

* * D'A BRAZILEIRA

J. MINCHIN JUNIOR

236, RUA DO BOMJARDIM—PORTO

OFFICINA METALLURGICA — PICHELARIA SANITARIA — CANALISAÇÕES
E FABRICA D'ESMALTAGEM

Esta casa é sem duvida a que maior numero de installações tem feito no paiz

Encarrega-se de executar toda a qualidade de trabalho de pichelaria
sanitaria em geral e em especial

Ventilações pelos melhores systemas conhecidos

Aquecimentos de casas particulares e edificios publicos pelos systemas de agua quente,
vapor de baixa ou alta pressão

Estufas para seccagem de madeiras

Installações hydrotherapicas — Encarrega-se de qualquer plano,
fabricação de todos os aparelhos, montagem completa de casas de banhos e aguas
Captagem d'aguas mineraes — Entre as captagens feitas por esta casa, ha as da estancia
de Entre-os-Rios (Torre) acabada em 1906; Pedras Salgadas,
Marco de Canavezes, Puente Caldelas (Hespanha), Lerez (Hespanha), etc.

ESMALTAGEM — Para acompanhar o progresso
da pichelaria sanitaria, montou esta casa uma **fabrica de esmaltagem**, onde se fabrica
todos os artigos para cozinha, mesa, laboratorios, etc., etc.

*As materias empregadas na esmaltagem da louca, bem como
em todos os objectos, não são nocivos á saude*

ESCOLA PRATICA DE COMMERCIO

DIRECTOR

Leopoldo Carlos d'Alcantara Carreira

26, PRAÇA DA TRINDADE, 27

PORTO

CURSO DIURNO
DAS 8 ÀS 12 DA MANHÃ



CURSO NOCTURNO
DAS 6 ÀS 10 DA NOITE

ENSINO ABSOLUTAMENTE PRATICO

DE

Portuguez, Francez, Inglez, Allemão, Contabilidade,
Escripturação Commercial, Calligraphia, Historia e Geographia,
Commercial, Economia Politica,
Direito Commercial, Tachygraphia e Escripta á Machina

CURSOS DE EXPLICAÇÃO PARA O INSTITUTO, ESCOLA NORMAL E LYCEE

*Esta Escola tem annexo uma secção
de Internato que satisfaz por completo a todas as exigencias*

PEDIR ESCLARECIMENTOS Á SECRETARIA DA ESCOLA

CONSULTORIO MEDICO-CIRURGICO

*Clinica geral e especial
dos paizes quentes*

14, CANCELLA VELHA, 14-*Porto*

MEDICOS:

Flores Loureiro

Consultas das 3 ás 5 h. da t.

Residencia: Largo da Cancella Velha, 14

Costa Miranda

Consultas da 1 ás 3 h. da t.

Residencia: Rua de Costa Cabral, 280

Chamadas a toda a hora

Annexo á ESTUDANTINA PORTUENSE

DOS

IRMÃOS ANTUNES

Fundada em 1878

Lições de

PIANO,
VIOLINO,
VIOLONCELLO,
GUITARRA,
BANDOLIM,
VIOLÃO,
e CONTRABASSO.

Mensalidade, 1\$500 reis

INSTALLAÇÃO PROVISORIA

Rua de S. Braz—72

PORTO

Novidade litteraria

O Marquez de Niza

POR

EDUARDO DE NORONHA

Primoroso romance historico,
maritimo, illustrado com 21 gravuras
e os retratos
do auctor e do Marquez de Niza

Todos os bons portuguezes de-
vem lêr este excellente livro, que
faz vibrar de bem justificado orgu-
lho a alma nacional.

Um bello volume de 526 paginas,
brochado 1\$000 réis, encadernado em
capas especiaes, 1\$200 réis. Pelo cor-
reio, 1\$060 e 1\$260 réis.

Cadeiras de cura

Só na casa Sardinha se encontram
á venda as
Cadeiras de Cura, usadas
nos sanatorios e aconselhadas
por todos os
medicos para os tuberculosos,
anemicos, convalescentes
e todos os que
necessitam de cura e de repouso

Modelos varios exclusivos da

Casa Sardinha

5, Praça de Carlos Alberto, 6

PORTO

Livraria da Empresa Litteraria e Typographica

184 — RUA DE D. PEDRO — 184

PORTO

Dr. Antão de Vasconcellos

MEMORIAS DO MATA-CAROCHAS — *Aventuras, anedotas, casos e peripecias da época mais famosa da Universidade de Coimbra*, 1 vol. 800

Antonio Candido

DISCURSOS E CONFERENCIAS, 1 vol. com o retrato do auctor. 1\$000
DISCURSOS PARLAMENTARES, 1 vol. 1\$000
INFANTE D. HENRIQUE, com o retrato do Infante 200

Camillo C. Branco

AMOR DE PERDIÇÃO, 14.^a edição, accrescentada com estudos criticos de Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Theophilo Braga, e illustrada com 6 simile-gravuras e o retrato do auctor, 1 vol. brochado, 600 réis, encadernado em capas espeziaes 800

D'esta edição tiraram-se 10 exemplares em superior papel Kent numerados de 1 a 10, e 10 exemplares em papel couché numerados de 11 a 20. Os de papel Kent, 1.^o encadernação em marroquim, dourados á cabeça, vendem-se a 8\$000 réis; os de papel couché, 1.^o enc. em chagrín, a 2\$000 réis.

Conselheiro Ruy Barbosa

(*Notavel orador e jurisconsulto brasileiro*)

DISCURSOS E CONFERENCIAS, 1 volume de 558 paginas, magnifica edição, brochado, 1\$500 réis; encadernado em capas espeziaes 1\$800

Francisco Mangabeira

VISÕES DE SANTA THERESA, 1 vol. 300

Dr. Castro Rebello

ARDENTIAS, 1 vol. 300

Dr. Euclides da Cunha

CONTRASTES E CONFRONTOS, 1 vol. prefaciado por José Pereira de Sampaio, (Bruno), em brochura. 800
encadernado em capas espeziaes 1\$000

Eduardo de Noronha

O MARQUEZ DE NIZA. Primoroso romance historico, maritimo, illustrado com 21 gravuras e os retratos do auctor e do Marquez de Niza. Brochado, 1\$000 réis; encadernado. 1\$200

Todos os bons portuguezes devem ler este excellento livro, que faz vibrar de bom justificado orgulho a alma nacional.

Gervasio Lobato

MYSTERIOS DO PORTO, 5 vol. illust. broc. 3\$000
enc. em percalina 4\$000

Henrique de Mendonça

O REINO DOS CÉOS, 2.^a edição, 1 vol. 800
AC RÔMPER DO SOL, 2.^a edição, 1 vol. com o retrato do auctor. 600

D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

MULHERES E CRIANÇAS, notas sobre educação, 2.^a edição 1 vol. 600
CONTOS PARA OS NOSSOS FILHOS, 5.^a edição, 1 vol. illustrado com 8 chromotypographicos e 92 grav. intercaladas no texto, encadernado em lindas capas de percalina 800

Este interessante livro, approved pelo antigo conselho de Instrucção Publica para uso das escolas, constitue um dos mais uteis e attrahentes premios para a infancia.

Sá d'Albergaria

O SEGREDO DO EREMITA, primoroso romance de costumes, no qual o auctor descreve com tanta verdade como maestria, scenas da vida bohemia, em que tomaram parte Camillo Castello Branco, Alfredo Carvalhoes, Agostinho Albano, Rosalino e outros personagens muito conhecidos ainda da actual geração. 5 vol. brochados 1\$500
encadernados em capas espeziaes 2\$000

Obras de Peres Escrich

O AMOR DOS AMORES, 3 vol. illustrados. 1\$800
O ANJO DA GUARDA, 3 vol. ill. 1\$800
OS APOSTOLOS, 3 vol. ill. 1\$8 0
OS CAÇADORES, 1 vol. 500
O CAMINHO DO BEM, 4 vol. ill. 2\$000
A CARIDADE CHRISTÁ, 3 vol. ill. 1\$800
OS COMICOS AMBULANTES, 1 vol. ill. 500
O CURA D'ALDEIA, 3 vol. ill. 1\$800
A FELICIDADE, 4 vol. ill. 2\$000
O INFERNO DOS CIGMES, 3 vol. ill. 1\$800
LIVRO PARA MEUS NETOS, 1 vol. 500
O MARTYR DE GOLGOTHA, 3 vol. ornados de 19 gravuras de pagina, br. 1\$200
enc. em capas espeziaes 1\$800
MAGDALENA, 1 vol. ill. 500
A MANCHA, 1 vol. ill. 500
O MARTYRIO DA GLORIA, 1 vol. 500
O PÃO DOS POBRES, 3 vol. ill. 1\$800
O PIANO DE CLARA, 1 vol. ill. 500
OS PREDESTINADOS, 4 vol. ill. 2\$000
PROSA DA GLORIA, 1 vol. ill. 500
RICO E POBRE, 3 vol. ill. 500
O ULTIMO BEIJO, 4 vol. ill. 2\$000